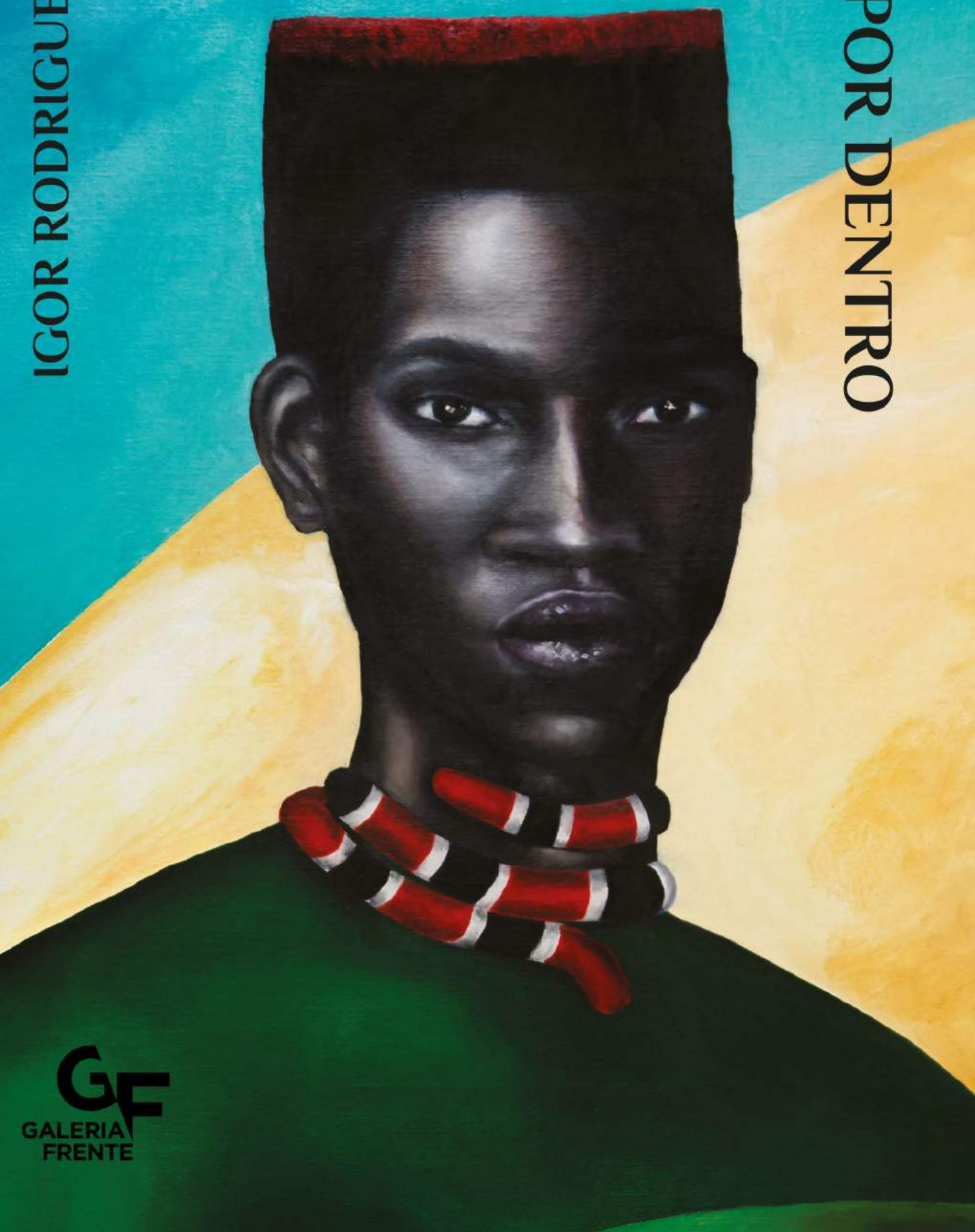


IGOR RODRIGUES

COISAS ACESAS

POR DENTRO









Galeria Frente apresenta

COISAS ACESAS POR DENTRO

Igor Rodrigues

APOIO



Exposição

19 de Novembro de 2022 a 21 de Janeiro de 2023





A Galeria Frente possui sete anos de existência, inaugurada em 2015. Nesse tempo, realizou grandes exposições como: Mira Schendel com ensaio crítico para o catálogo da mostra de Taisa Palhares, 2015. No ano seguinte, apresentou uma retrospectiva do artista Antonio Maluf, com curadoria de Fabio Magalhães e Hércules Barsotti, sob curadoria de Marilúcia Bottallo. Em ambas as exposições a galeria publicou o primeiro livro de cada artista. Em 2017, promoveu a última exposição retrospectiva do artista Frans Krajcberg, ainda vivo, com obras da década de 50 até o ano 2000. Em 2018, idealizou uma exposição mostrando a amizade entre Iberê Camargo e Francisco Stockinger. E em 2021, fez a exposição histórica do artista Gilberto Salvador, com obras dos anos 60. Todos os catálogos estão disponíveis em nosso site, podendo ser consultados virtualmente.

O objetivo da Galeria Frente é ressaltar as obras de grandes artistas brasileiros, promover o trabalho de curadores e críticos de arte através de suas exposições e catálogos, e oferecer ao público exposições comprometidas com a história da arte.

Seguindo a tendência de realizar exposições significativas no cenário paulistano e comprometida em apresentar o que há de melhor da arte nacional, a Galeria Frente inova mais uma vez ao realizar a primeira exposição individual em São Paulo: **Coisas Acessas por Dentro**, do artista Igor Rodrigues, com curadoria de Carollina Lauriano. Além da exposição haverá um catálogo bilíngue com textos da curadora, ensaio crítico de Luciara Ribeiro e uma entrevista sobre o processo criativo do artista. Mantemos, desta forma, o nosso critério de, para além da exposição, ter uma plataforma de aprofundamento, um catálogo que

documenta a importância deste momento.

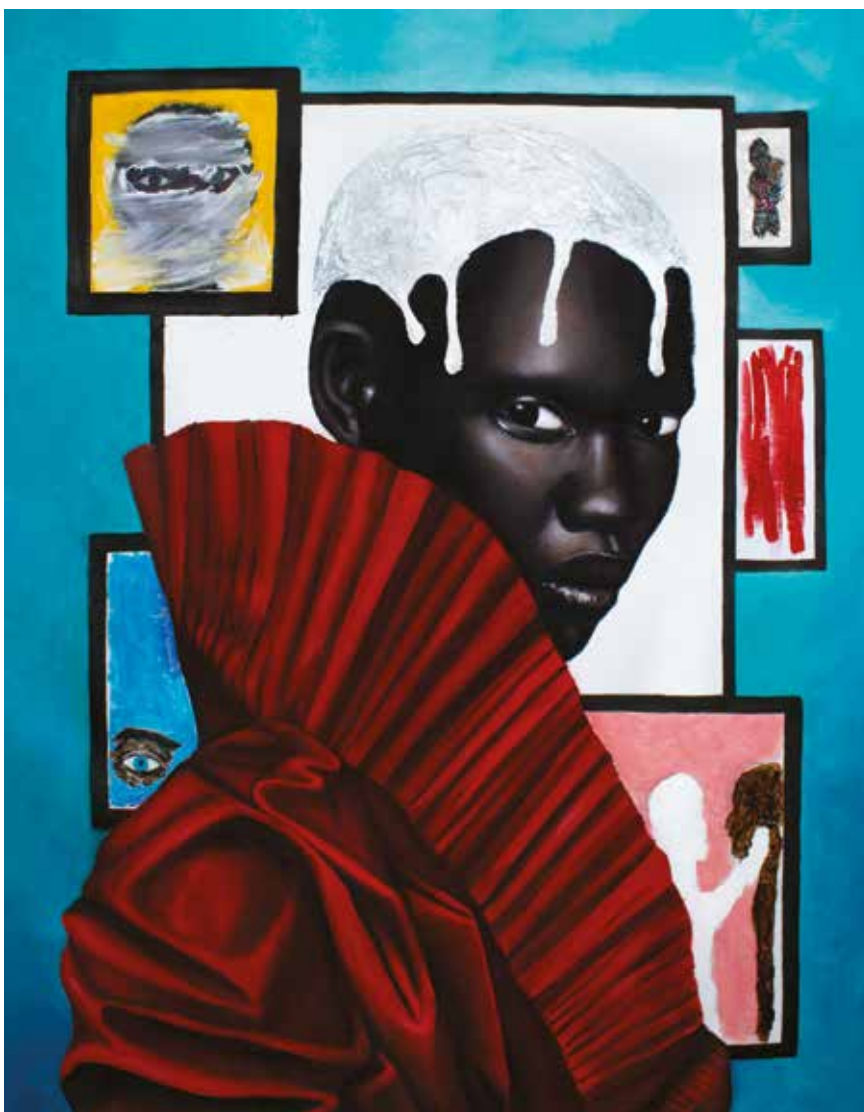
Achamos muito pertinente a Galeria Frente trazer para o mês de novembro em que se celebra no dia 20 a Consciência Negra. É uma forma de estarmos inseridos neste debate ao abrir a galeria para a valorização, promoção e divulgação das obras deste artista em sua primeira mostra para o público de São Paulo.

Neste ano, fomos surpreendidos pela qualidade das pinturas apresentadas por Igor Rodrigues na Feira Rotas Brasileiras (última edição da SP Arte, em agosto de 2022). Com apenas 27 anos de idade o jovem artista baiano de Feira de Santana conquistou a todos com sua temática de extrema relevância e apurado gosto estético, uma pintura com qualidade excepcional, que nos arrebatou à primeira vista.

Este projeto inaugura uma nova fase da Galeria Frente que é na representação direta de artistas contemporâneos, ao apresentar exposições de jovens artistas e ao ampliar sua atuação no mercado da arte. A iniciativa é fruto de uma parceria minha com Ricardo Portela da Acervo Galeria de Arte, certos de que essa exposição já nasce histórica e com a certeza que será um grande sucesso.

James Acacio Lisboa

Diretor da Galeria Frente



O perigo mora na minha memória

The danger lives in my memory, 2022

óleo e acrílica sobre tela | oil and acrylic on canvas

84 x 64 cm



'Frente Gallery' has seven years of existence, it was inaugurated in 2015. During this time, it has held major exhibitions such as: Mira Schendel with critical essay for the catalogue of the show by Taisa Palhares, 2015. In the following year, it presented a retrospective of the artist Antonio Maluf, curated by Fabio Magalhães and Hércules Barsotti, curated by Marilúcia Bottallo. In both exhibitions, the gallery published each artist's first book. In 2017, it promoted the last retrospective exhibition of the artist Frans Krajcberg, still alive, with works from the 1950s to the year 2000. In 2018, it conceived an exhibition showing the friendship between Iberê Camargo and Francisco Stockinger. And in 2021, he made the historical exhibition of the artist Gilberto Salvador, with works from the 1960s. All the catalogues are available on our website and can be consulted virtually.

The objective of 'Galeria Frente' is to highlight the works of great Brazilian artists, to promote the work of curators and art critics through its exhibitions and catalogues, and to offer the public exhibitions committed to the history of art.

Following the trend of holding significant exhibitions on the São Paulo scene and committed to presenting the best of national art, Galeria Frente once again innovates by holding its first solo exhibition in São Paulo: ***Things Lit From Within***, by artist Igor Rodrigues, curated by Carollina Lauriano. Besides the exhibition, there will be a bilingual catalogue with texts by the curator, a critical essay by Luciana Ribeiro and an interview about the artist's creative process. In this way, we maintain our criterion of, in addition to the exhibition, having an in-depth platform, a catalogue that documents the importance of this moment.

We find it very pertinent that 'Galeria Frente' brings to the month of November, in which Black Consciousness is celebrated on the 20th. It 's a way of being inserted in this debate by opening the gallery for the valorization, promotion and publicizing of the works of this artist in his first show for the public of São Paulo.

During this year, we were surprised by the quality of the paintings presented by Igor Rodrigues in the Brazilian Routes Fair, (last edition of 'SP Arte' in August 2022). With only 27 years old, the young artist from 'Feira de Santana, Bahia', conquered everyone with his extremely relevant themes and refined aesthetic taste, a painting of exceptional quality, which captivates us at first sight.

This project inaugurates a new phase for 'Galeria Frente', which is the direct representation of contemporary artists, presenting exhibitions by young artists and expanding its activities in the art market. The initiative is the fruit of a partnership between me and Ricardo Portela of Acervo Galeria de Arte, and we are certain that this exhibition is already a historic one, and we are also sure that it will be a great success.

James Acacio Lisboa

Director of Galeria Frente

Índice

Index



12

COISAS ACESAS POR DENTRO

THINGS LIT FROM WITHIN

Carollina Lauriano

40

CAMINHOS DA RETRATÍSTICA EM
PROCESSOS DE PERGUNTAS

*PATHS OF PORTRAITURE IN
QUESTIONING PROCESSES*

Luciara Ribeiro

46

ENTREVISTA

INTERVIEW

Juliana Rego Ripoli

92

ME OLHE NOS OLHOS

LOOK INTO MY EYES

Igor Rodrigues

98

BIOGRAFIA

BIOGRAPHY



Dói

It Hurts, 2022

óleo sobre tela | oil on canvas

76 x 67 cm

COISAS ACESAS POR DENTRO

*Oh, meu corpo, faça sempre
de mim um homem que questiona!*
- Frantz Fanon

Em sua prática artística, Igor Rodrigues propõe uma discussão acerca dos corpos negros, reivindicando a eles seu lugar de protagonismo, não somente na sociedade, mas dentro do próprio meio artístico. Com uma prática decolonial, suas pinturas pretendem romper com o imaginário de violência que foi perpetuado historicamente e que ainda hoje implicam como esse grupo social é percebido socialmente. Para isso, o artista se vale de um exercício de colocar esses corpos em uma perspectiva de liberdade e cura.

Psicólogo de formação, Igor entende que criar um lugar de reimaginação de mundos para a população negra se torna cada dia mais urgente. Em 2022 o Ministério da Saúde relatou que o índice de transtornos mentais entre adolescentes e jovens negros no Brasil é 45% maior do que entre brancos. Os dados mostram ainda que esses índices de risco aumentaram 12% entre a população negra nos últimos anos, enquanto permanecendo estável entre pessoas brancas. Entender esses números é primordial para que a sociedade compreenda que há implicações diretas e indiretas que corroboram para que esses números tenham uma discrepância tão grande entre grupos sociais distintos, entendendo que o racismo estrutural é a principal delas.

Durante a construção de sua primeira exposição individual em São Paulo, Igor criou uma série de pinturas – em sua grande maioria obras inéditas – que vão lidar com essas noções de recriação de imaginários a partir de uma narrativa que parte das discussões acerca das invisibilizações. Usa também de uma leitura crítica do colonialismo e seus efeitos, bem como à tentativa de questionamento da sociedade, o que, por sua vez, está ligado à possibilidade de surgimento de um novo protagonismo por parte da população negra, novos processos de elaboração de conhecimento sobre si e sobre seus direitos, e novos caminhos políticos.

Por isso, partimos da série **Me Olhe nos Olhos** para traçar esse caminho proposto pelo artista. Nela, observamos Igor inserir uma série de recursos que expandem a noção da pintura, entre eles a inserção de textos. Mas a proposta mais direta que alude ao próprio título da série é a construção dos olhos das personagens feitas por fragmentos de espelhos, o que me faz pensar em duas possibilidades de leituras sobre esses trabalhos.

Primeiramente, o artista traz diversos questionamentos sobre sua negritude: “O que me torna negro? É possível medir minha negritude?” quando ele se coloca diante do próprio trabalho, questionando suas temáticas e propostas discursivas. Já numa segunda leitura, entendo esse trabalho como um diálogo ativo com seu espectador que tem que encarar os olhos das pinturas de forma direta, estabelecendo ali uma relação seja de afeto ou de distanciamento de todas as implicações que a imagem carrega.



Ao longo da exposição vamos perceber que Igor utiliza de recursos que, a princípio, parecem bastante literais para depois percebermos que existem diversas camadas interpretativas para seus trabalhos. Em **Lágrimas Negras** esse recurso está bem presente. As pinturas carregam fios de conta que caem dos olhos das personagens que em um primeiro momento podem ser compreendidas como um choro ou uma tristeza. E não deixam de ser. Mas como na letra de Jorge Mautner, a tristeza funciona como o outro lado da moeda da beleza. Ou no caso, como se Igor nos dissesse que para que a beleza seja a florada, ou acesa, é preciso um mergulho dentro de nossas profundezas. E assim chegamos no título da exposição. **Coisas Acesas por Dentro** lida com esse processo de cura de uma população que sempre esteve subjugada e que hoje busca reconstruir um lugar de protagonismo, de afetos, de acessos, de reimaginar-se livre.

Parte disso pode ser compreendida na pintura **Nós**, um grande painel que ocupa o fundo da galeria. Nela observamos um casal que ora se encontra, ora se separa, numa dança coreografada dessa busca por novas formas de se perceber no mundo. Se em algum momento da história foi nos tirado não somente a dignidade, mas também como estabelecemos nossos afetos, como é possível resgatar formas de criar vínculos que não perpetuem mais lugares de violência criado para nós?

Ao mesmo tempo que Igor traz todos esses questionamentos para o público, ele vai incutindo por uma jornada de recriar esses imaginários. E um desses lugares que o artista encontrou para trazer algumas respostas foi a valorização da beleza como afirmação da autoestima. No entanto, as pinturas do artista trazem uma vivacidade de cores. Suas obras, em todas as suas cores vibrantes, destinam-se a iluminar os tópicos que ele quer discutir.

A maioria das obras de Igor retrata mulheres em poses poderosas e vestidas com roupas luxuosas e coloridas. Sim, a moda é uma discussão importante nas obras do artista, de forma que esse é um dos recursos de resgate de um empoderamento. Essa discussão estética vem sendo retomada por uma nova geração que busca inserir a população negra em uma perspectiva contemporânea de que roupa é comportamento. Por isso, faz parte de uma construção de imaginário social, o que me faz lembrar o importante trabalho que o fotógrafo malinês Seydou Keita realizou ao registrar os costumes do Mali em uma transição do campo para a cidade e também ao longo de sua independência, que ocorreu em 1960. Um registro do tempo capaz de ressignificar como percebemos o mundo e especialmente como nos percebemos em relação às diferenças.

Dessa forma, o trabalho de Igor Rodrigues estabelece esses paralelos frente à história que nos foi contada e a que precisa ser reescrita a partir de agora. Se ao longo da exposição ele nos coloca diante de tantos desejos de mudanças, qual o papel que assumimos para que essas imagens ocupem seus lugares de liberdade em um mundo que ainda insiste em oprimi-las? Se Tristezas são belezas apagadas pelo sofrimento, Igor aponta que o caminho agora é de que as belezas sejam coisas acesas por dentro. E que assim seja!

Carollina Lauriano
Curadora



Coisas Acesas por Dentro
Things Lit From Within, 2022
óleo sobre linho | oil on linen
130 x 100 cm

THINGS LIT FROM WITHIN

*Oh, my body, make me
always a questioning man!*
- Frantz Fanon

In his artistic practice, Igor Rodrigues proposes a discussion about black bodies, claiming them their place of protagonism, not only in society, but also within the artistic environment itself. With a decolonial practice, his paintings intend to break with the imaginary of violence that has been perpetuated historically and that still today implies how this social group is socially perceived. For this, the artist uses an exercise of placing these bodies in a perspective of freedom and healing.

Igor, a psychologist by profession, understands that creating a place of reimagining worlds for the black population becomes more urgent every day. In 2022 the Ministry of Health reported that the rate of mental disorders among black teenagers and young adults in Brazil is 45% higher than among whites. Data also shows that these risk rates have increased 12% among the black population in recent years, while remaining stable among white people. Understanding these numbers is primordial for society to understand that there are direct and indirect implications that corroborate for these numbers to have such a great discrepancy between distinct social groups, understanding that structural racism is the main one of them.

During the construction of his first solo exhibition in São Paulo, Igor created a series of paintings - mostly new works - that deal with these notions of recreation of imaginaries from a narrative that starts from discussions about invisibilization. He also uses a critical reading of colonialism and its effects, as well as the attempt to question society, which, in turn, is linked to the possibility of the emergence of a new protagonism on the part of the black population, new processes of elaboration of knowledge about themselves and their rights, and new political paths.

Therefore, we start from the series Look into My Eyes to draw this path proposed by the artist. In this piece we observe Igor inserting a series of resources that expand the notion of painting, among them the insertion of texts. But the most direct proposal that alludes to the very title of the series is the construction of the eyes of the characters made by fragments of mirrors, which makes me think of two possible readings of these works.

First of all, the artist raises several questions about his blackness: "What makes me black? Is it possible to measure my blackness?" when he puts himself in front of his own work, questioning its themes and discursive proposals. In a second reading, I understand this work as an active dialogue with its spectator who has to look directly into the eyes of the paintings, establishing there a relationship of either affection or detachment from all the implications that the image carries.

Throughout the exhibition we will notice that Igor uses resources that, at first, seem quite literal and then we realize that there are several interpretative layers

to his works. In *Black Tears* this resource is very present. The paintings carry strings of beads that fall from the eyes of the characters that at first can be understood as crying or sadness. And they still are. But as in Jorge Mautner's lyrics, sadness works as the other side of the coin of beauty. Or in this case, as if Igor were telling us that for beauty to emerge, or to be ignited, it is necessary to dive into our depths. And so we arrive at the title of the exhibition. 'Things lit up from within' deals with this healing process of a population that has always been subjugated and that today seeks to rebuild a place of protagonism, of affections, of access, of reimagining itself as free.

Part of this can be understood in the painting 'Nós' (We), a large panel that occupies the back of the gallery. In it we see a couple that meets and separates, in a choreographed dance of this search for new ways of perceiving themselves in the world. If at some point in history not only our dignity was taken away from us, but also how we establish our affections, how is it possible to rescue ways of creating bonds that do not perpetuate more places of violence created for us?

At the same time that Igor brings all these questions to the public, he is instigating a journey of recreating these imaginaries. And one of these places that the artist found to bring some answers was the valorization of beauty as an affirmation of self-esteem. However, the artist's paintings bring a vivacity of colors. His works, in all their vibrant colors, are meant to illuminate the topics he wants to discuss.

Most of Igor's works depict women in powerful poses and dressed in luxurious and colorful clothes. Yes, fashion is an important discussion in the artist's works, so this is one of the resources to rescue an empowerment. This aesthetic discussion has been taken up again by a new generation that seeks to insert the black population in a contemporary perspective that clothing is behavior. Therefore, it is part of a social imaginary construction, which reminds me of the important work that the Malian photographer Seydou Keïta did when he registered the Malian customs in a transition from the countryside to the city and also throughout its independence, which occurred in 1960. A record of time capable of giving new meaning to how we perceive the world and especially how we perceive ourselves in relation to differences.

In this way, Igor Rodrigues' work establishes these parallels against the history that has been told to us and the one that needs to be rewritten from now on. If throughout the exhibition he places us before so many desires for change, what role do we assume so that these images can occupy their places of freedom in a world that still insists on oppressing them? If Sorrows are beauties erased by suffering, Igor points out that the path now is for beauties to be things that are lit from within. And so be it!

Carollina Lauriano

Curator





Azul da Cor do Mar

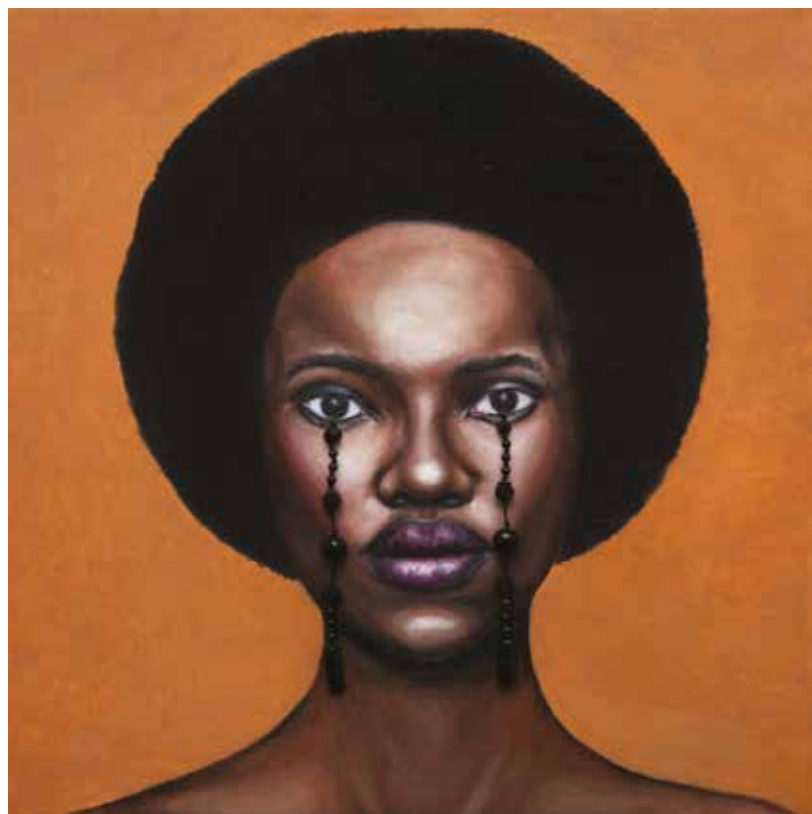
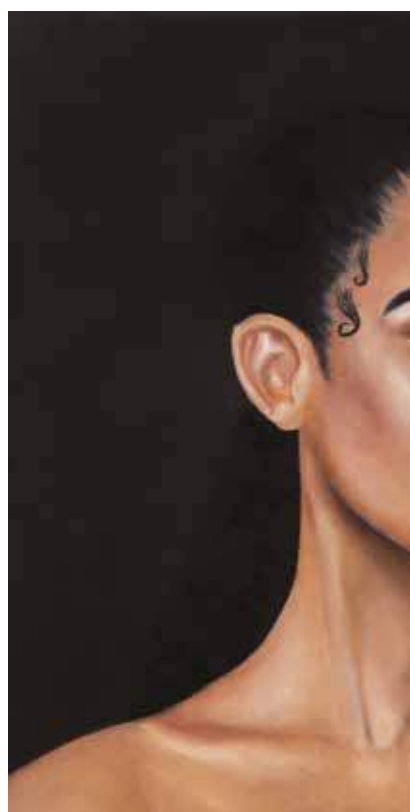
Blue the Colour of the Sea, 2022

óleo e acrílica sobre tela | oil and acrylic on canvas

130 x 100 cm

LÁGR
NEG

IMAS
RAS







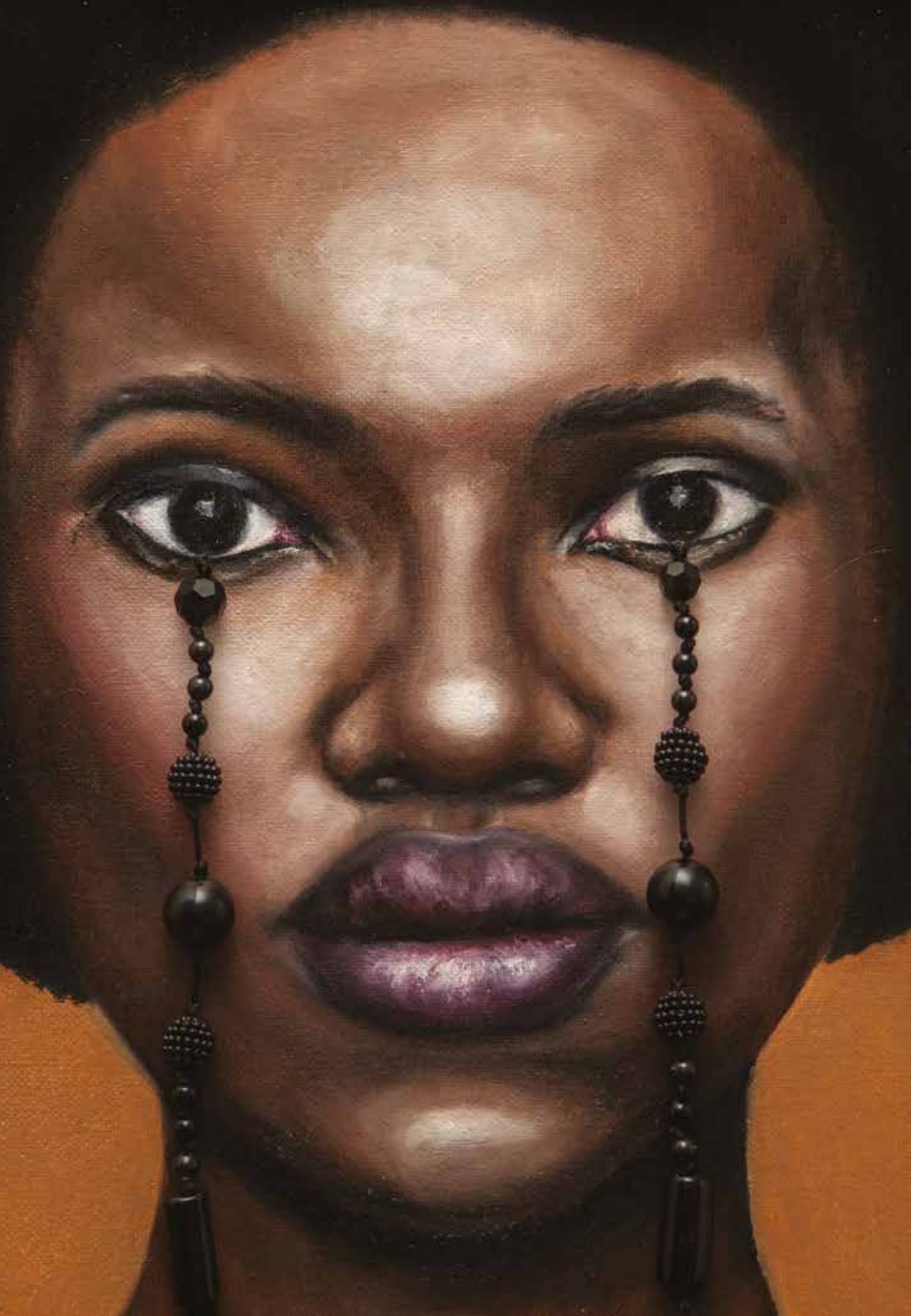


Lágrimas Negras I

Black Tears I, 2022

óleo sobre tela | oil on canvas

50 x 50 cm





Lágrimas Negras II

Black Tears II, 2022

óleo sobre tela | oil on canvas

50 x 50 cm



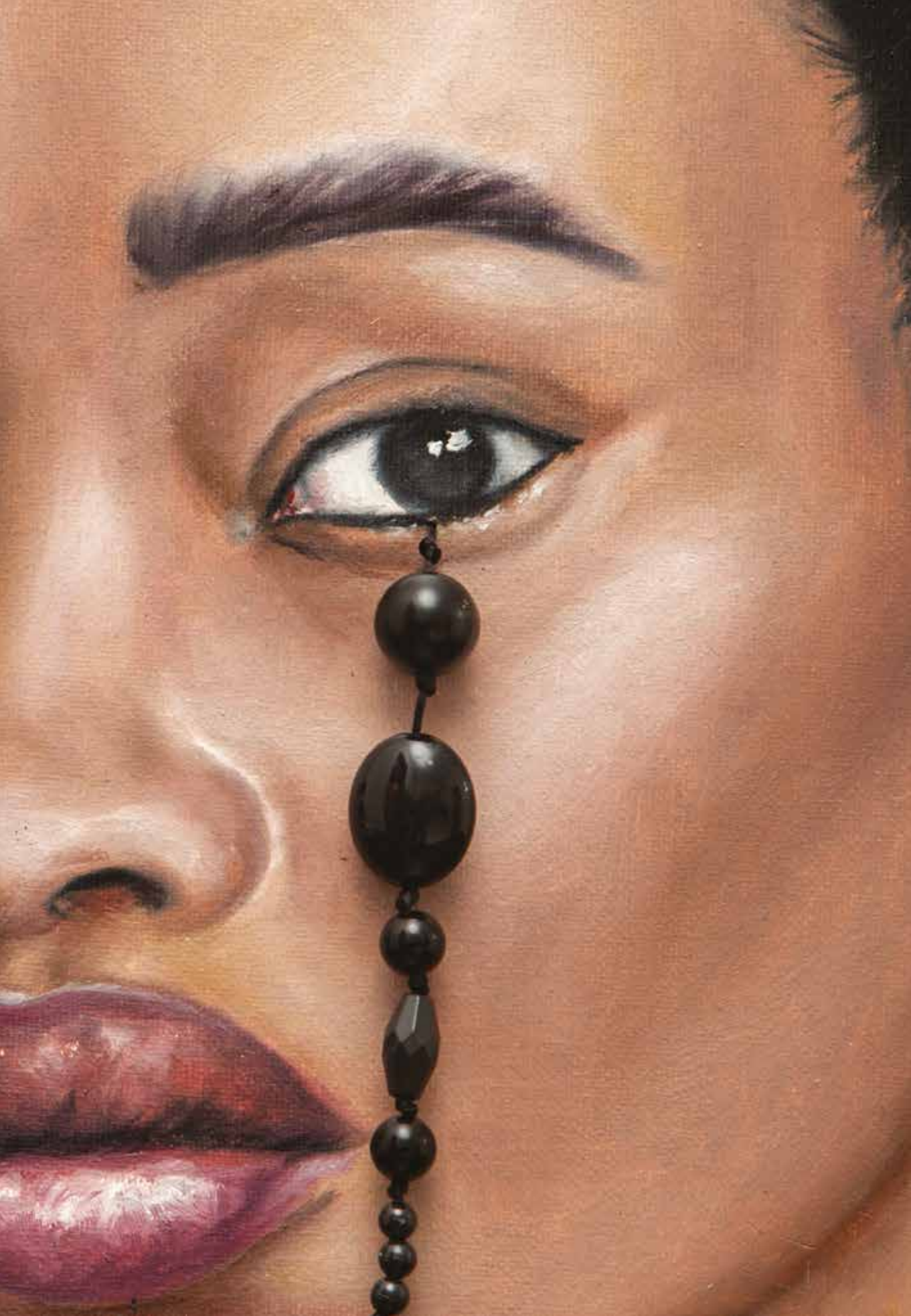


Lágrimas negras III

Black Tears III, 2022

óleo sobre tela | oil on canvas

50 x 50 cm





Lágrimas Negras IV

Black Tears IV, 2022

óleo sobre tela | oil on canvas

50 x 50 cm





Lágrimas Negras V

Black Tears V, 2022

óleo sobre tela | oil on canvas

50 x 50 cm



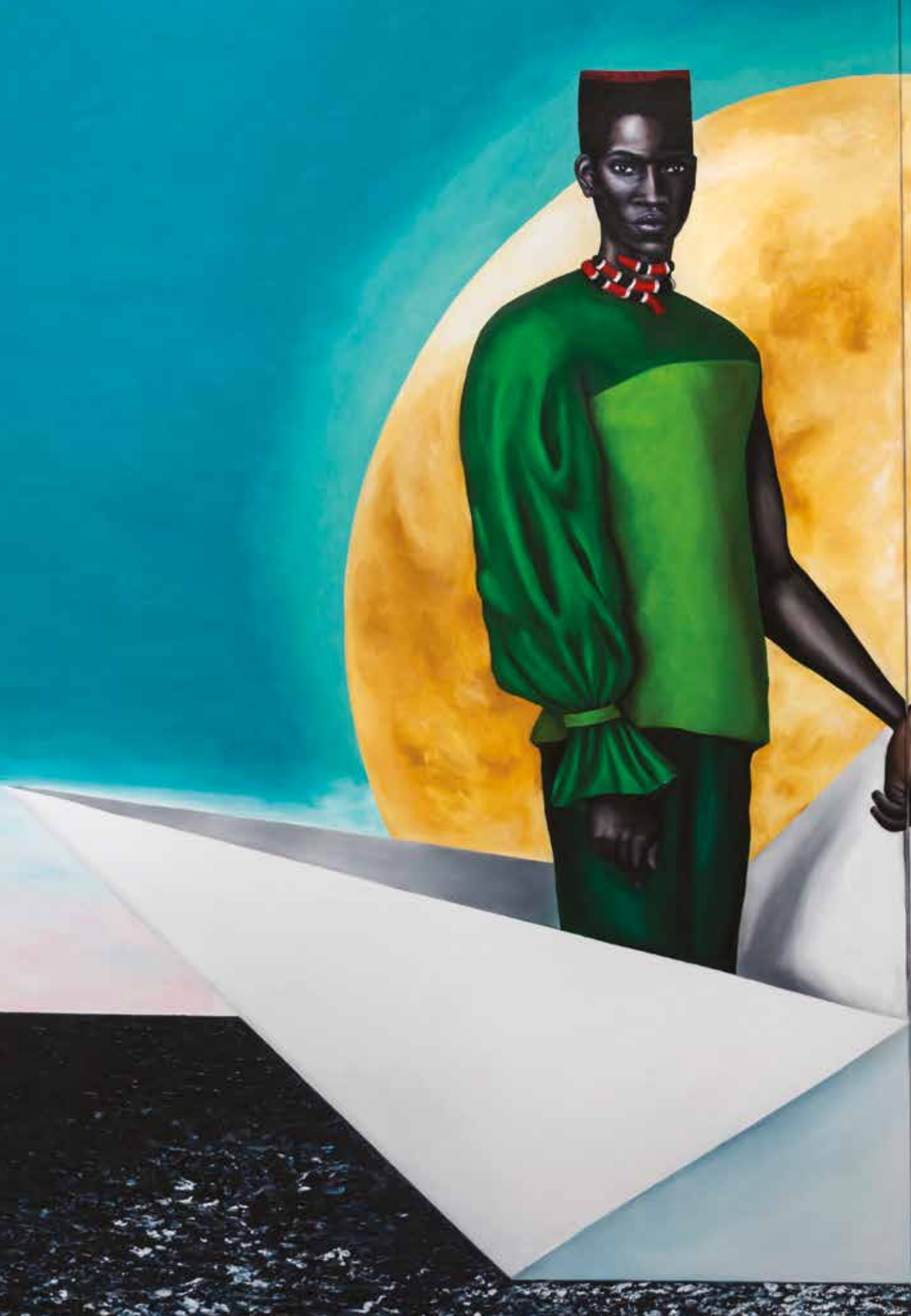


Lágrimas negras VI

Black Tears VI, 2022

óleo sobre tela | oil on canvas

50 x 50 cm







Nós

Us, 2022

óleo e acrílica sobre linho | oil and acrylic on linen

200 x 300 cm



CAMINHOS DA RETRATÍSTICA EM PROCESSOS DE PERGUNTAS

A primeira vez que vi a obra de Igor Rodrigues foi em visita ao 19º Programa de Exposições, organizado pelo Museu de Arte de Ribeirão Preto, no início de 2022. Encontrei lá a obra **Habitar nos Avessos de Si**, da série **Me Olhe nos Olhos**, uma pintura em dimensões médias, com uso de diferentes técnicas: pintura, desenho, colagem; e materiais: carvão, acrílica, caneta posca e pedaços de vidro. De forma geral, a composição apresenta o retrato de uma mulher negra de pele retinta, com expressão facial suavizante, com olhos bem abertos e melancólicos, de pupilas amarelas e contornos avermelhados. No contorno da imagem há uma série de fragmentos textuais entre perguntas e reflexões que o artista fez a si e ao mundo. São inquietações subjetivas de um ser em busca do seu lugar no mundo.

Observar o retrato agigantado dessa mulher negra de pele retinta, me fez desejar conhecer mais sobre o trabalho do artista, pois, além de me interessar pelo impressionante domínio técnico de diferentes linguagens, impactou-me também pelo pensar imagético da representação. Tal imagem me prendeu, e a partir dela, busquei outras obras de Igor Rodrigues, que, mesmo sendo um artista de carreira recente, já possui significativa presença e produção nas artes, consolidando-se agora com a sua primeira individual.

Apoiado na retratística, marcado pelo desafiar-se na pesquisa e no aprimoramento técnico, Rodrigues nos apresenta imagens que não se ajustam ao nosso tempo e espaço, mas que habitam esferas oníricas, futuristas ou montadas. Seus personagens não habitam territórios do cotidiano, mas flutuam em campos vazios e oníricos, por vezes em dimensões da natureza dos sonhos, por outras, em estúdios e cenários que recordam as utilizadas em fotografias de catálogos de moda.

O trabalho de desenho a carvão é impactante tanto pelo realismo da representação como pela empenhada em oferecer múltiplas camadas de cor e tons. A tonalidade do preto aparece com maciez, com toques que aprisionam o nosso olhar. Há outras cores que compõem sua paleta, rica em tonalidades intensas, fortes e vibrantes, como roxo, verde, amarelo,

"EU
SEMPRE
ESTIVE ENTRE
ASPAS":

antes e depois dos pontos,
das vírgulas e, principalmente,
após as travessões. O que os
olhares me disseram criou uma ausência
de mim que se traduziu em silêncio.

O QUE HÁ POR TRÁS
DOS SEUS OLHOS QUE

NÃO CONSEGUEM
ME VER?

SE OS SEUS OLHOS SÃO JANELAS
PARA ONDE ELAS SE ABREM?
SE NÃO CONSEGUEM
ME LER, COMO PODEM
ME DESCREVER?

O SEU OLHAR É UM
CAMINHO SEM SAÍDA?

POR QUE OS SEUS OLHOS ME OLHAM?

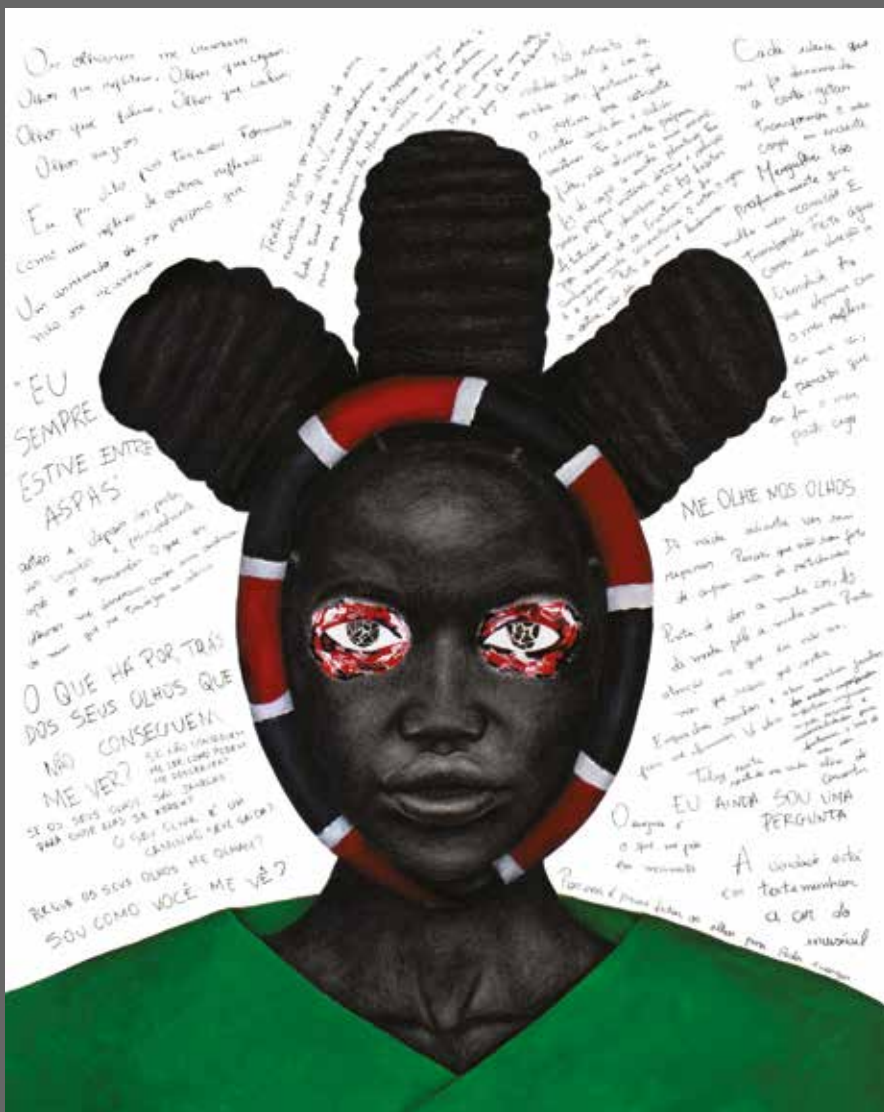
E QU COMO VOCÊ ME VÊ?

azul e vermelho. Os efeitos das cores são fundamentais para construir distanciamentos entre retratado e espectador, visto que transformam o meio em inesperadas composições de tons pouco convencionais.

Outro detalhe precioso das obras de Igor Rodrigues são os pequenos pedaços de espelho que singularmente compõem a obra. Geralmente, nos globos ou nas pupilas das personagens, os estilhaços de vidro transformam-se em mosaicos circulares, refletindo os olhares de quem enfrenta a obra. Em um jogo de ver e ser visto, a imagem nos olhos nos observa, e nós a ela. Esse encontro, apesar de clássico dentro da história da retratística artística, poucas vezes se dá em enfrentamento a rostos negros de peles escuras. A tela torna-se um espelho, ampliando as relações conflituosas e os limites indagativos sobre o que se vê em imagem, sobre o que se pensa no contato com figuras de dimensões imaginativas. Se questionar junto a obra passa a ser um ato de magnitude. No entanto, este caminho não é fixo, natural e único. No entanto, é inegável que ao se deparar com as obras de Rodrigues encontramos um mundo de realidades imaginativas, de criações que se estendem em cada elemento que as fazem existir. Igor Rodrigues torna-se caminho presente para o pensamento do real em um futuro que está por vir.

Luciara Ribeiro

Historiadora de arte, curadora e arte-educadora



Habitar nos Aessos de Si, da série Me Olhe nos Olhos
Inhabiting the Other Side of Yourself, from the series Look Into my Eyes, 2022

carvão, acrílica e colagem de espelhos sobre cartão |
 charcoal, acrylic and mirror collage on cardboard
 150 x 120 cm

PATHS OF PORTRAITURE IN QUESTIONING PROCESSES

The first time I saw Igor Rodrigues' work was during a visit to the 19th Exhibition Program, organized by the Ribeirão Preto Museum of Art, in early 2022. There I found the work Inhabiting the piece of art 'The other side of you', from the series 'Look into my eyes', a painting in medium dimensions, with the use of different techniques: painting, drawing, collage; and materials: charcoal, acrylic, posca pen, and pieces of glass. Overall, the composition presents a portrait of a black woman with dark skin, with a softening facial expression, with wide-open, melancholic eyes, yellow pupils and reddish contours. In the outline of the image there are a series of textual fragments between questions and reflections that the artist asked to himself and to the world. They are subjective inquietudes of a being in search of his place in the world.

Observing the oversized portrait of this dark-skinned black woman made me wish to know more about the artist's work, for, besides being interested in the impressive technical mastery of different languages, it also impacted me by the imagetic thought of the representation. This image captured my attention, and from it I searched for other works from Igor Rodrigues, who, even though he has a recent career, he has already had a significant presence and production in the arts, and is now being consolidated with his first solo exhibition.

Based on portraiture, marked by the challenge of research and technical improvement, Rodrigues presents us with images that do not fit into our time and space, but inhabit dreamlike, futuristic or assembled spheres. His characters don't inhabit everyday territories, but float in empty, dreamlike fields, sometimes in dreamlike dimensions of nature, sometimes in studios and settings reminiscent of those used in photographs for fashion catalogs.

The charcoal drawing work is striking both for the realism of the representation and for the undertaking to offer multiple layers of color and tones. The hue of black appears softly, with touches that trap our gaze. There are other colors that make up his palette, rich in intense, strong, and vibrant

hues, such as purple, green, yellow, blue, and red. The the colors effects are essential to build distancing between the portrayed and the observer, since they transform the medium into unexpected compositions of unconventional tones.

Another precious detail in Igor Rodrigues' works are the small pieces of mirror that singularly compose the work. Usually in the globes or in the pupils of the characters, the shards of glass are transformed into circular mosaics, reflecting the looks of those who face the work. In a game of seeing and being seen, the image in our eyes observes us, and we observe it. This meeting, although classic in the history of artistic portraiture, rarely takes place when facing black faces with dark skins. The canvas becomes a mirror, amplifying the conflicting relations and the limits of inquiry about what is seen in the image, about what is thought in contact with figures of imaginative dimensions. Questioning yourself together with the work becomes an act of magnitude. However, this path is not fixed, natural, or unique. However, it is undeniable that when we come across Rodrigues' works we find a world of imaginative realities, of creations that extend themselves in every element that makes them exist. Igor Rodrigues becomes a present way of thinking about the real in a future that is yet to come.

Luciara Ribeiro

Art historian, curator and art educator

ENTREVISTA

Juliana Rego - JR: Igor, tudo bem? Gostaria de começar a entrevista do começo: quando você descobriu que era um artista? Isso é algo que se descobre? Como foi isso para você?

Igor Rodrigues – IR: Tudo ótimo e com você? Eu acho que estou me descobrindo artista, na verdade. Ser uma artista, como quase tudo na vida, é uma descoberta. E eu digo isso porque a minha arte é viva: ela acontece enquanto eu estou vivendo. Como o meu trabalho expressa as minhas vivências e a minha visão de mundo, ele está o tempo todo acontecendo, se atualizando, se transformando. Então, a minha descoberta como artista é um constante processo de evolução. Mas, profissionalmente, eu comecei a me entender como artista em 2019, fazendo terapia. Eu havia me formado em Psicologia há um ano, mas não queria seguir nessa profissão e não sabia o que fazer. Eu sempre gostei de arte a minha vida toda, mas era um *hobby*. Então, em 2019 eu percebi que o talento poderia me render frutos se eu me dedicasse e investisse em uma carreira. Então, eu comecei a divulgar as coisas que eu produzia, o que eu não fazia até então, e a vender e a me apresentar profissionalmente como artista visual.

JR: Gostaria de saber um pouco sobre a sua família. Seus pais são ligados ao campo artístico? Possui algum parente que seja artista? Recebeu alguma influência deles? Quem mais te incentivou?

IR: Meus pais não são ligados ao meio artístico. Eu acho que a minha maior influência na família foi a minha avó. Eu me lembro de quando era pequeno e adorava vê-la fazendo artesanato, costurando, bordando e pintando por *hobby*. Tem uma cena que me marcou muito que foi quando ela estava fazendo uma boneca com sabonete e eu quis fazer igual, e ela ficou maravilhada como eu, tão novo na época, consegui reproduzir o que ela fez. Esse olhar acolhedor e incentivador dela foi um dos meus grandes incentivos para as artes.

JR: Você nasceu e vive em Feira de Santana que é um município brasileiro no interior do estado da Bahia, a segunda cidade mais populosa do estado e a primeira cidade do interior nordestino em população. Tendo o 69º maior produto interno bruto (PIB) municipal da nação, o terceiro maior na



Bahia e o maior do interior do Nordeste, com R\$ 14.683.079.000,00 em 2018, um importante centro industrial e comercial do Brasil; como você considera que o território onde você nasceu e vive, influencia sua pintura, ou você acha que a localidade não marca a arte produzida pelo artista?

IR: Eu acredito que o território pode, sim, influenciar no trabalho do artista, se for a sua proposta. Feira de Santana, que é uma cidade muito rica culturalmente, me inspirou para criar uma série intitulada FEIREN(SI), em 2019, onde eu trabalhei aspectos sobre a história da cidade, a sua criação, a sua evolução, a sua cultura e algumas problemáticas. Entretanto, atualmente, o meu trabalho tem a proposta de ser autocentrado, de falar sobre as minhas vivências e investigar aspectos subjetivos.

JR: Li no catálogo produzido para a SP-ARTE que você é um artista autodidata e que cursou psicologia na faculdade. Existiu, em sua jovem trajetória, algum curso ou professor em artes visuais, ou seu percurso estético foi sendo criado independente e mais solitário? Como se deu esse processo autodidata em você? Quais foram os seus meios de aprendizado?

IR: O meu percurso estético é independente, mas não solitário, pois eu fui influenciado – direta ou indiretamente – pela produção de outros artistas. Eu fiz um curso de fotografia em 2010, mas, além disso, não tive contato com curso de artes visuais ou alguma formação acadêmica nessa área para aprender a pintar e a desenhar. O meu processo surgiu em 2008, quando eu criei um personagem chamado Kyara Bergamini, no jogo The Sims 2 e, posteriormente, um fake numa comunidade virtual chamada Simkut. Nesse universo, eu tive contato com a pintura digital, onde eu aprendi e desenvolvi um pouco do que sei hoje sobre as forma das figuras humanas, os jogos de sombra e luz, e as cores, por exemplo. Apesar de ser uma técnica diferente, a pintura digital tem um processo parecido com a pintura a óleo. Por exemplo, na forma como eu componho a imagem, onde eu devo encaixar as cores para formar as luzes e as sombras ou na maneira como eu consigo fazer um degradê. Eu me considero uma pessoa muito “inventiva”, eu gosto de olhar uma coisa e pensar “como que eu posso fazer isso a partir do que eu já sei fazer?”, de procurar soluções por conta própria. O meu grande defeito é ser péssimo com tutoriais, nunca me dei bem com eles na hora de aprender a fazer uma pintura digital, então normalmente eu começava a ler e, na metade, eu já estava tentando fazer por conta própria, tentando deduzir sozinho como fazer aquilo. Então foi basicamente esse o meu processo de



Reconstrução

Reconstruction, 2019

pintura digital | digital painting

20079 x 16535 px

Obra premiada com o Prêmio Aquisição na 2ª Bienal Black Brazil Art. | Artwork awarded with the Acquisition Prize at the 2ª Bienal Black Brazil Art.

aprendizado: comecei com a pintura digital; um dia, eu desenhei um olho em um papel e “descobri” que eu sabia desenhar manualmente e comecei a explorar o grafite; daí eu parti para o carvão utilizando os conhecimentos que eu tinha sobre o grafite e tentando aprender durante o processo como lidar com o carvão. Ao mesmo tempo eu peguei um pouco do conhecimento sobre pintura digital para desvendar a pintura acrílica e, em seguida, os conhecimentos da pintura digital e da acrílica para experimentar o óleo. Os conhecimentos foram, de algum modo, cumulativos.

Essa vivência virtual também me ensinou sobre a moda, pois eu tinha uma revista de moda virtual, a POISE. E isso fez com que, atualmente, eu pensasse e construísse o meu trabalho como um editorial de moda, seja pelo conjunto, seja pela forma como eu os apresento, normalmente, verticalizados, com as figuras posando, comumente de frente. Nesse sentido, a fotografia de moda influenciou muito a minha prática também, pois eu enxergo minhas criações, também, como uma fotografia. Penso como enquadrar a(s) figura(s), como compor a cena esteticamente, como equilibrar e construir um conceito e uma narrativa que consigam formar uma imagem que tenha, ao mesmo tempo, força, uma mensagem relevante e beleza.

JR: Você participou de diversas exposições, qual delas você considera que tenha sido mais importante no seu percurso como artista?

IR: Sem dúvida a SP-Arte Rotas Brasileiras no ano de 2022 foi a mais importante até então. Tive a grande honra e oportunidade de apresentar um projeto solo através da Acervo Galeria de Arte e fazer uma belíssima estreia na SP-Arte e em São Paulo. Foi incrível poder vivenciar a experiência e perceber como o meu trabalho impactou as pessoas. Isso mudou muita coisa em mim, como artista e como pessoa. O meu trabalho foi bastante difundido, comentado e tivemos um excelente retorno financeiro também. Eu senti como se a minha carreira em quatro dias tivesse ido de 0 a 100. Grandes personalidades da mídia estiveram presentes no meu estande, fui entrevistado pelo The Art Newspaper, apareci como um dos destaques da Vogue Brasil, entre outras coisas maravilhosas.

JR: Como foi a recepção por parte do público para essa série de pinturas apresentadas? Você foi surpreendido por essa recepção? Ou já era algo esperado por você, esse destaque?

IR: Sinceramente, eu esperava que o meu trabalho impactasse as



*O Medo é um Furacão, da série Me olhe nos olhos
Fear is a Hurricane, from the series Look Into my
Eyes, 2021*

carvão, acrílica e colagem de espelhos sobre cartão |
charcoal, acrylic and mirror collage on cardboard
110 x 90 cm

peças. É um trabalho muito sincero, é doloroso, ele consegue comunicar e tocar o espectador de alguma forma. Mas eu não esperava a recepção da forma como ocorreu. Ver as pessoas literalmente chorando em frente ao meu trabalho, me agradecendo pela mensagem que eu estava trazendo, falando sobre como aquilo transformou, mesmo que por algum momento, o dia delas. Foi algo surreal.

JR: Qual é a influência da psicologia em suas obras? Deri Andrade, no texto em que escreveu sobre seu trabalho, argumenta: ***“Me olhe nos olhos, Rodrigues nos pergunta se estamos interessados em suas pinturas por mera contemplação ou se as reconhecemos tal qual espelhos de nós mesmos.” Isso porque sua obra parte da construção de si enquanto um sujeito negro em uma sociedade marcadamente racista, tema que norteia seus trabalhos imbuídos de figuração estética, com notas de surrealismo.*** Pode comentar um pouco esse trecho?

IR: A psicologia é uma das bases do meu trabalho. Na verdade, é uma das bases da minha vida. Acho que eu não seria nada do que eu sou hoje sem ela (risos). Eu me formei em psicologia, mas desde o início do curso eu já sabia que eu não iria exercer a profissão. Depois de formado me veio aquela questão: “o que eu faço agora?”. Foram seis anos da minha vida em uma universidade pública, num curso fantástico, mas que eu queria aproveitar profissionalmente. Daí eu encontrei nessa fusão entre a arte e a psicologia o sentido para tudo isso. Seja através da pesquisa que eu desenvolvo com autores negros da psicologia, seja através do próprio fazer artístico que é terapêutico, catártico e me traz diversas reflexões sobre mim; seja pela importância que eu julgo do meu trabalho, por trazer questionamentos subjetivos e coletivos que podem afetar o outro. O Deri foi muito feliz nesse comentário, porque expressa o questionamento que eu me fiz quando iniciei a série Me olhe nos olhos: para o que as pessoas estão olhando, afinal? Estão olhando para mim, estão olhando para o meu trabalho, estão olhando para si mesmas? Então eu comecei a pensar sobre como eu, um sujeito negro, sou visto ou não visto pela sociedade. Porque, sim, infelizmente, evita-se olhar para o sujeito negro, principalmente, de olhar nos olhos dele. Então, o meu trabalho te convida a fazer isso. Você não pode evitar os olhos de uma pessoa negra, nem que seja para se ver neles.

JR: Qual artista ou artistas o influenciaram ou o influenciam e por quê? Quais são suas referências? O que tem visto e gostado?



Igor Rodrigues em entrevista para o The Art Newspaper, na feira SP-ARTE Rotas Brasileiras, em agosto de 2022. | Igor Rodrigues in an interview for The Art Newspaper, at the SP-ARTE Rotas Brasileiras fair, in august 2022.

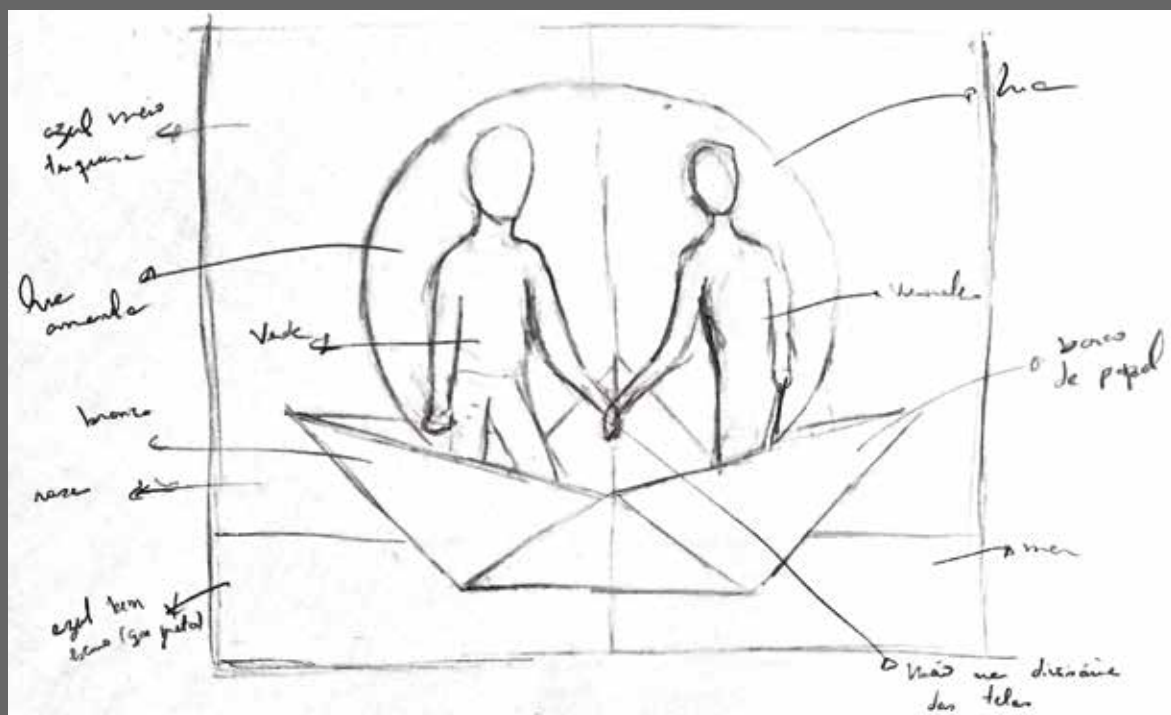
IR: Essa pergunta é sempre uma questão para mim, porque eu nunca sei respondê-la (risos). Eu gosto de muitas coisas em diferentes momentos e acho que todas acabaram me influenciando. Hoje eu me vejo como alguém que conseguiu criar uma estética própria dentro da minha proposta de trabalho e isso parte das muitas referências que eu tive ao longo da minha vida. Eu gosto muito da pintura renascentista, do realismo, da tentativa de uma perfeição. Gosto muito da pintura barroca, de todo o drama das luzes e sombras, do mistério que envolve a cena, adoro a pintura surrealista por trazer as camadas do inconsciente à tona e criar um universo onírico; daí eu parto para a fotografia de moda, que a minha grande influência atualmente é o Rafael Pavarotti pelas cores vivas que ele utiliza e pela beleza que ele consegue captar de pessoas negras. Mas eu tenho alguma influência dos trabalhos do David LaChapelle pelas cores, pela irreverência e pelas pitadas de surrealismo, e também tenho influência do trabalho do Eugenio Recuenco e do Tim Walker, também pelo aspecto surrealista e criativo deles.

JR: Como funciona o seu processo de criação? Você cria a partir de pessoas reais, ou são fotos encontradas na internet? Seus títulos são muito fortes também, eles são colocados ao término de uma pintura, ou é a partir do título que você pinta?

IR: O meu processo criativo é meio caótico, mas é um caos organizado. Acho que a expressão que melhor o define, como define quase tudo na minha vida é: depende do momento (risos). Eu normalmente tenho uma ideia e desenho no meu caderno. Seja uma pose, um conceito, um elemento... qualquer coisa que surja e que me comunique um sentido. Eu gosto de escrever sobre o que estou sentindo ou pensado para criar o conceito, seja uma frase que eu vi em algum lugar, seja uma música, seja uma anotação de uma pesquisa. A partir daí eu começo a esboçar a figura, começo a pensar em como compor aquela ideia de forma imagética, tentando traduzir esse sentimento ou ideia através dos elementos. Então, eu utilizo fotografias que encontro na internet como referência para criar a pose e a figura humana mais próxima da realidade, mas toda a ideia e o conceito são criados por mim. Esse processo da busca, normalmente, é posterior à criação do meu esboço. Eu digo normalmente porque pode acontecer, por exemplo, de eu ver uma foto de uma pessoa, sem nenhum elemento e, a partir da pose dela, surgir na minha cabeça uma ideia completa de uma obra que normalmente não tem nada a ver com a imagem que eu vi. Minha cabeça é muito rápida,

COISAS ACESAS POR DENTRO

1. ENTREOLHARES
2. CUIDADO, FRAGIL
3. VONTADE DE CHORAR
4. DE PEITO ABERTO
5. PARTIDA
6. VOCÊ PERA SEMPRE EM MIM
7. AFLORAR
8. CABEÇA DE VENTO
9. INTIMIDADE
10. ME OLHE NOS OLHOS
11. COISAS ACESAS POR DENTRO
12. O PERÍO MOÇA NA MINHA MEMORIA
13. LÁGRIMAS NEGRAS I
14. LÁGRIMAS NEGRAS II
15. LÁGRIMAS NEGRAS III
16. LÁGRIMAS NEGRAS IV
17. LÁGRIMAS NEGRAS V
18. LÁGRIMAS NEGRAS VI
19. O AFETO E A FALTA
20. DÓI
21. AZUL DA COR DO MAR
22. NÓS



Imagens do caderno do artista.
 Images from the artist's notebook.



Alma Lavada, da série Me olhe nos olhos

Washed Soul, from the series Look into my eyes, 2021

carvão, acrílica e colagem de espelhos sobre cartão |
charcoal, acrylic and mirror collage on cardboard

150 x 120 cm

às vezes porque eu não consigo parar de pensar, e o meu trabalho é muito fantasioso, ele é como uma realidade fantasiada, tanto esteticamente como conceitualmente.

Eu gosto de dar títulos aos meus trabalhos, mas isso não tem necessariamente uma ordem. Muitas vezes os títulos surgem antes de eu começar o trabalho porque ele me serve de guia, como uma temática do que eu vou trabalhar. Então eu posso pensar em um título e, a partir dele, pensar imageticamente o que irei apresentar, mas eu também posso criar um trabalho inteiro e só no final colocar o título. Porque a arte tem um quê de descoberta. Eu acredito na arte como produto do inconsciente, então muitas vezes você não sabe exatamente o que ele é, mas ele te diz algo, e aí você precisa descobrir o que é, porque não é exatamente ele que está falando para você, é você que está se comunicando consigo mesmo. Os títulos, tanto dos trabalhos como de uma exposição ou de uma série, são pensados também como se eu fosse um cantor e estivesse produzindo um álbum: eu normalmente separo uma página do meu caderno, coloco o título da exposição no topo e começo a enumerar a quantidade de obras que eu vou fazer de 1 até o número final, e aí eu vou preenchendo a lista com os títulos das obras, como se fossem as músicas do meu álbum. Cada obra tem a sua própria narrativa, mas todas juntas contam uma só história.

JR: Seu trabalho tem uma relação, e mesmo um diálogo, com o campo da moda? Como você pensa sobre isso? Acompanha desfiles? Isso é algo importante para você?

IR: O meu trabalho é muito fundamentado na moda. Eu penso a moda enquanto arte. Quando eu era adolescente, eu acompanhava os desfiles porque eu adorava e também porque eu tinha uma revista de moda virtual, a POISE, e precisava criar conteúdos para ela. Eu adorava criar os editoriais. E eu pensava de um modo mais conceitual, porque eu não tinha nada para vender, então era puramente arte. Isso me fez construir uma estética e entender o poder de uma imagem: como compor uma imagem, o que ela pode comunicar, qual a estética que eu quero apresentar. Hoje vejo a moda no meu trabalho como um mecanismo para criar metáforas, utilizo as roupas, acessórios, maquiagem, penteados, etc., para criar o tom surrealista dos trabalhos. A moda também transmite poder, transmite status, então, apresentar figuras negras bem vestidas, e também, dialogar com a moda negra que eu vejo nas ruas, nos desfiles, nos editoriais é uma forma de nos

fortalecer.

JR: O que podemos esperar dos teus trabalhos inéditos criados para essa exposição? Algo novo do que foi visto na SP-Arte: Rotas Brasileiras?

IR: Eu amadureci muito depois da SP-Arte, pessoalmente e profissionalmente. Essa exposição foi um grande desafio pessoal, porque eu sempre me proponho a fazer algo melhor do que eu fiz antes. É uma competição minha comigo mesmo de tentar manter, ou elevar, o nível a cada passo, pois eu não gosto de retroceder. Acho que esses trabalhos demonstram uma evolução interessante do que eu fiz anteriormente. Arrisquei com novas texturas que trouxeram novos significados para o meu trabalho que eu espero impactar, surpreender e, principalmente, tocar as pessoas. É uma exposição muito importante para mim, também, porque eu estou abordando aspectos da minha vida que falam do meu passado, da minha infância e adolescência, mas que têm me impactado atualmente. E falar sobre isso é, por um lado, doloroso, mas alivia, porque eu estou ressignificando e aprendendo a lidar com isso.

JR: Gostaria de saber de um sonho para o futuro e uma frase para terminar essa nossa conversa. Tem algo que gostaria de falar que não foi perguntado? Obrigada pela troca de ideias.

IR: Sonhos eu tenho muitos, porque acho que eu sou sonhador por natureza (risos). Mas uma coisa que eu coloquei como meta atualmente é internacionalizar a minha carreira, expandir os horizontes um pouco mais. Em 2019, quando eu resolvi “me assumir artista” para as pessoas, eu escrevi uma carta aberta para a Kyara, a minha personagem. Na carta, eu finalizei dizendo para ela, ou seja, para mim mesmo: “Esse é o começo do resto das nossas vidas. O mundo nos espera.” e isso é uma promessa, então eu preciso cumprir isso.

INTERVIEW

Juliana Rego - JR: Igor, how are you? I would like to start the interview from the beginning: when did you discover you were an artist? Is this something you discover? How was this for you?

Igor Rodrigues - IR: Fine, and with you? I think I'm discovering myself as an artist, actually. Being an artist, like almost everything in life, is a discovery. And I say this because my art is alive: it happens while I am living. As my work expresses my experiences and my worldview, it is all the time happening, updating, transforming. So, my discovery as an artist is a constant process of evolution. But professionally, I started to understand myself as an artist in 2019, doing therapy. I had graduated in Psychology a year ago, but I didn't want to pursue that profession and didn't know what to do. I have always loved art in my whole life, but it was a hobby. Then, in 2019 I realized that the talent could pay off if I dedicated myself and invested in a career. So, I started publicizing the things I produced, which I hadn't done until then, and selling and presenting myself professionally as a visual artist.

JR: I would like to know a little about your family. Are your parents connected to the artistic field? Do you have any relatives who are artists? Did you receive any influence from them? Who encouraged you the most?

IR: My parents are not connected to the artistic field. I think my biggest influence in the family was my grandmother. I remember when I was little I loved to watch her doing handicrafts, sewing, embroidery, and hobby painting. There was one scene that really impressed me that was when she was making a doll with soap and I wanted to make one just like it, and she was amazed at how I, so young at the time, could reproduce what she made. That welcoming and encouraging look from her was one of my great incentives for the arts.

JR: You were born and live in 'Feira de Santana' which is a Brazilian municipality in the countryside of the state of Bahia, the second most populous city in the state and the first most important city in the north-eastern countryside considering population aspects. Having the 69th largest municipal gross domestic product (GDP) in the nation, the third largest in Bahia and the largest in the interior of the Northeast, with R\$14,683,079,000.00 in 2018, an important industrial and commercial point in Brazil; how do you consider that the territory where you were born and live, influences your painting, or do you think that the locality doesn't mark

the art produced by the artist?

IR: I believe that the territory can, yes, influence the artist's work, if it's his proposal. 'Feira de Santana', which is a very culturally rich city, inspired me to create a series entitled 'FEIREN(SI)', in 2019, where I worked on aspects about the history of the city, its creation, its evolution, its culture and some issues. However, currently, my work has the proposal to be self-centered, to talk about my experiences and to investigate subjective aspects.

JR: I read in the catalog produced for SP-ARTE that you are a self-taught artist and that you studied psychology in college. Was there, in your young trajectory, any course or teacher of visual arts, or was your aesthetic path created independently and more solitary? How did this self-taught process happen in itself? What were your ways of learning?

IR: My aesthetic path is independent, but not solitary, because I was influenced - directly or indirectly - by the production of other artists. I enrolled myself in a photography course in 2010, but beyond that, I had no contact with a visual arts course or any academic training in this area to learn how to paint and draw. My process started in 2008, when I created a character named Kyara Bergamini, in the game The Sims 2 and, later, a fake in a virtual community called Simkut. In this universe, I was in contact with digital painting, where I learned and developed some of what I know today about the shapes of human figures, the shadow and light games, and colours, for example. Although it is a different technique, digital painting has a process similar to oil painting. For example, in the way I compose the image, where I have to fit the colours to form the lights and shadows, or the way I can make a gradient. I consider myself a very "inventive" person, I like to look at something and think "how can I make this from what I already know how to do? My big flaw is that I'm terrible with tutorials, I never really got along with them, when it came to learning how to do digital painting, so I would usually start reading and halfway through I was already trying to do it myself, trying to deduce for myself how to do it. So that was basically my learning process: I discovered digital painting, one day I drew an eye on a paper and "discovered" that I could draw by hand and started exploring graphite; then I moved on to charcoal using the knowledge I had about graphite and trying to learn in the process how to handle charcoal. At the same time, I took some knowledge of digital painting to unravel acrylic painting, and then the knowledge of digital painting and acrylics to experiment with petroleum. The knowledge was somehow cumulative.

This virtual experience also taught me about fashion, because I had a virtual fashion magazine, 'POISE'. And this made me, nowadays, think and build my work as fashion editorial, both for the set and for the way I present the works, usually verticalized, with the figures posing, usually from the front. In this sense, fashion photography has also influenced my work a lot, because I see my work, too, as a photograph. I think about how to frame the figure(s), how to aesthetically compose the scene, how to balance and build a concept and a narrative that manages to form an image that has, at the same time, strength, a relevant message, and beauty.

JR: You have participated in several exhibitions, which one do you consider to be the most important in your journey as an artist?

IR: Without a doubt 'SP-Arte Rotas Brasileiras' in the year 2022 was the most important so far. I had the great honour and opportunity to present a solo project through 'Acervo Galeria de Arte' and to make a beautiful debut at 'SP-Arte' and in São Paulo. It was amazing to be able to live the experience and realize how my work impacted people. This changed many things in me, as an artist and as a person. My work was widely publicized, commented on, and we also had an excellent financial return. I felt as if my career in four days had gone from 0 to 100. Great personalities from the media were present at my booth, I was interviewed by 'The Art Newspaper', I appeared as one of the highlights of 'Vogue Brasil', among other wonderful things.

JR: How was the reception by the public for this series of paintings presented? Were you surprised by this reception? Or was it something you already expected, this prominence?

IR: Honestly, I expected my work to impact people. It is a very sincere work, it is painful, it manages to communicate and touch the viewer in some way. But I didn't expect the reception the way it happened. To see people literally crying in front of my work, thanking me for the message I was bringing, talking about how it transformed, even for a moment, their day. It was surreal.

JR: What is the influence of psychology in your work? Deri Andrade, in the text in which she wrote about your work, argues, "Look into my eyes, Rodrigues asks us if we are interested in his paintings by mere contemplation or if we recognize them as mirrors of ourselves". This is because his work starts from the construction of himself as a black subject in a markedly racist society, a theme that guides his works imbued with aesthetic figuration, with notes of surrealism. Can you comment a little on this quote?

IR: Psychology is one of the bases of my work. In fact, it is one of the bases of my life. I don't think I would be anything like I am today without it (laughs). I graduated in psychology, but since the beginning of the course I already knew that I would not practice the profession. After graduating I had that question: "what do I do now? I spent six years of my life in a public university, in a fantastic course, but I wanted to enjoy it professionally. Then I found in this fusion between art and psychology the meaning for all of this. Whether through the research that I develop with black authors in psychology, or through the artistic work itself, which is therapeutic, cathartic, and brings me several reflections about myself; or because of the importance that I believe my work has, for bringing subjective and collective questions that can affect others. Deri was very happy with this comment, because it expresses the questioning that I asked myself when I started the series Look into my eyes: what are people looking at, anyway? Are they looking at me, are they looking at my work, are they looking at themselves? Then I started thinking about how I, a black subject, am seen or not seen by society. Because, yes, unfortunately, we avoid looking at the black subject, especially not looking into his eyes. So, my work invites you to do that. You can't avoid the eyes of a black person, if only to see yourself in them.

JR: Which artist or artists have influenced or influence you and why? What are your references? What have you seen and liked?

IR: This question is always been a question for me, because I never know how to answer it (laughs). I like many things at different times and I think they all influenced me. Today I see myself as someone who has managed to create my own aesthetic within my work proposal, and this comes from the many references I have had throughout my life. I really like Renaissance painting, realism, and the attempt at perfection. I love surrealist painting for bringing the layers of the unconscious to the surface and creating an oneiric universe; from there I move on to fashion photography, which my great influence today is Rafael Pavarotti for the vivid colours he uses and the beauty he manages to capture in black people. But I have some influence from the work of David LaChapelle for the colours, the irreverence and the surrealism, and I also have influence from the work of Eugenio Recuenco and Tim Walker, also for their surrealistic and creative aspect that belongs to them.

JR: How does it work your creative process work? Do you create from real people, or are they photos found on the internet? Your titles are very strong too, are they placed at the end of a painting, or is it from the title that you paint?

IR: My creative process is kind of chaotic, but it is an organized chaos. I think the expression that best defines it, as it defines almost everything in my life is: it depends on the moment (laughs). I usually have an idea and draw it in my notebook. Be it a pose, a concept, an element... anything that comes up that communicates meaning to me. I like to write about what I am feeling or thinking to create the concept, whether it is a phrase I have seen somewhere, a song, or a note from a research. From there I start sketching the figure, I start thinking about how to compose that idea in an imagetic way, trying to translate that feeling or idea through the elements. Then, I use photographs I find on the internet as reference to create the pose and the human figure closer to reality, but the whole idea and concept is created by me. This process of searching is usually after the creation of my sketch. I say normally because it can happen, for example, that I see a picture of a person, without any element and, from the person's pose, a complete idea of a work emerges in my head that usually has nothing to do with the image I saw. My head is very fast, sometimes because I can't stop thinking, and my work is very fantastical, it is like a fantasized reality, both aesthetically and conceptually.

I like to give titles to my works, but it doesn't necessarily have an order. Often the titles come up before I start the work because it serves as a guide, as a theme of what I'm going to work on. So, I can think of a title and, based on it, think imaginatively about what I am going to present, but I can also create an entire work and only at the end put the title. Because art has a sense of discovery. I believe in art as a product of the unconscious, so then many times you don't know exactly what it is, but it tells you something, and then you need to find out what it is, because it is not exactly what it is telling you, it is you who is communicating with yourself. The titles, both of the works and of an exhibition or series, are also thought of as if I were a singer producing an album: I usually take a page out of my notebook, put the title of the exhibition at the top and start listing the number of works I am going to do from 1 to the final number, and then I fill in the list with the titles of the works, as if they were the songs in my album. Each work has its own narrative, but all together they tell one story.

JR: Does your work have a relationship, and even a dialogue, with the field of fashion? How do you think about it? Do you follow fashion shows? Is this something important to you?

IR: My work is very much grounded in fashion. I think of fashion as art. When I was a teenager, I followed fashion shows because I loved them and also because I had an online fashion magazine, 'POISE', and I needed to create content for it. I

loved creating the editorials. And I thought in a more conceptual way, because I didn't have anything to sell, so it was purely art. This made me build an aesthetic and understand the power of an image: how to compose an image, what it can communicate, what aesthetic I want to present. Today I see fashion in my work as a mechanism to create metaphors, I use the clothes, accessories, makeup, hairstyles, etc., to create the surreal tone of the works. Fashion also transmits power, transmits status, so presenting well-dressed black figures, and also, dialoguing with the black fashion that I see in the streets, in the fashion shows, in the editorials is a way to empower us.

JR: What can we expect from your unpublished works created for this exhibition? Anything new from what was seen at 'SP-Arte: Brazilian Routes'?

IR: I matured a lot after 'SP-Arte', personally and professionally. This exhibition was a great personal challenge, because I always propose to do something better than I did before. It is a competition with myself to try to maintain, or raise, the level at each step, because I don't like to go backwards. I think these works show an interesting evolution from what I did before. I took risks with new textures that brought new meanings to my work that I hope impact, surprise, and, mainly, touch people. It is a very important exhibition for me, also, because I am approaching aspects of my life that speak of my past, of my childhood and adolescence, but that have impacted me currently. And talking about it is, on the one hand, painful, but it is relieving, because I am resignifying it and learning how to deal with it.

JR: I'd like to know a dream for the future and a sentence to end our conversation. Is there anything you'd like to talk about that wasn't asked? Thank you for the exchange of ideas.

IR: I have many dreams, because I guess I am a dreamer by nature (laughs). But one thing I've set as a goal currently is to internationalize my career, to expand my horizons a bit more. In 2019, when I decided to "come out as an artist" to people, I wrote an open letter to Kyara, my character. In the letter, I ended up by saying to her, that is, to myself, "This is the beginning of the rest of our lives. The world is waiting for us," and that is a promise, so I have to fulfill it.



O Afeto e a Falta

Affection and Lack, 2022

óleo, carvão e colagem sobre tela | oil, charcoal and collage on canvas

47 x 47 cm

ME
NOS

OLHE
OLHOS



Cuidado, Frágil, da série Me Olhe nos Olhos

Be Careful, Fragile, from the series Look Into my Eyes, 2022

carvão, acrílica e espelhos sobre cartão | charcoal, acrylic and mirror collage on cardboard

150 x 120 cm





AMADO?
OO?



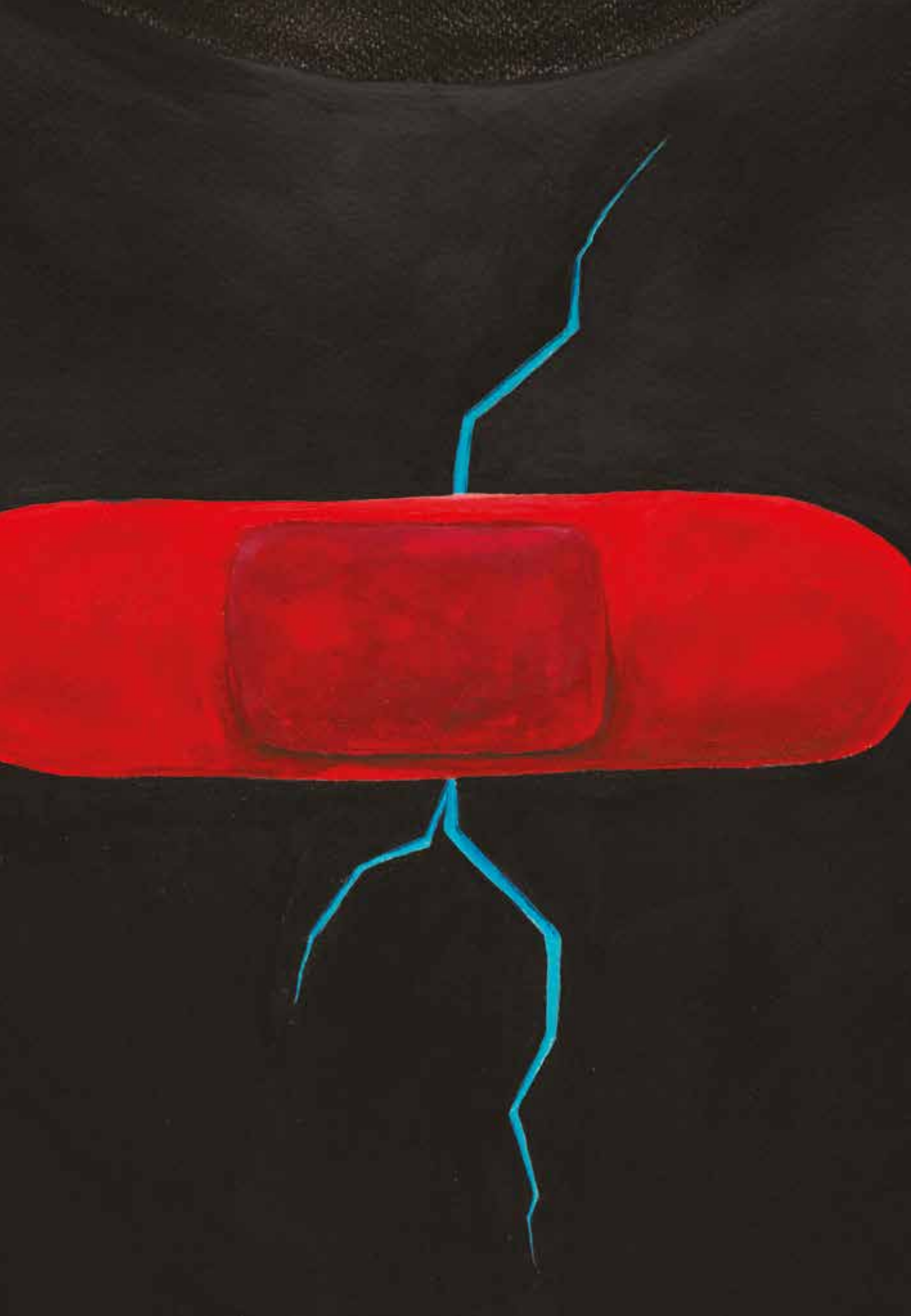
Entreolhares, da série Me olhe nos olhos

Between Glances, from the series Look into My Eyes, 2022

carvão, acrílica e espelhos sobre cartão | charcoal, acrylic and mirror collage on cardboard

150 x 120 cm







Vontade de Chorar, da série Me olhe nos olhos

Willing to Cry, from the series Look into my eyes, 2022

carvão, acrílica e espelhos sobre cartão | charcoal, acrylic
and mirror collage on cardboard

120 x 150 cm







De peito aberto, da série Me olhe nos olhos
With An Open Chest, from the series Look into My
Eyes, 2022

carvão, acrílica e espelhos sobre cartão | charcoal, acrylic
and mirror collage on cardboard

150 x 120 cm



Partida, da série Me olhe nos olhos

Departure, from the series Look into My Eyes, 2022

carvão, acrílica e espelhos sobre cartão | charcoal, acrylic
and mirror collage on cardboard

123 x 150 cm









Você pra sempre em mim, da série Me olhe nos olhos
You Forever in Me, from the series Look into My Eyes, 2022
carvão, acrílica e espelhos sobre cartão | charcoal, acrylic
and mirror collage on cardboard
123 x 150 cm



Aflorar, da série Me olhe nos olhos

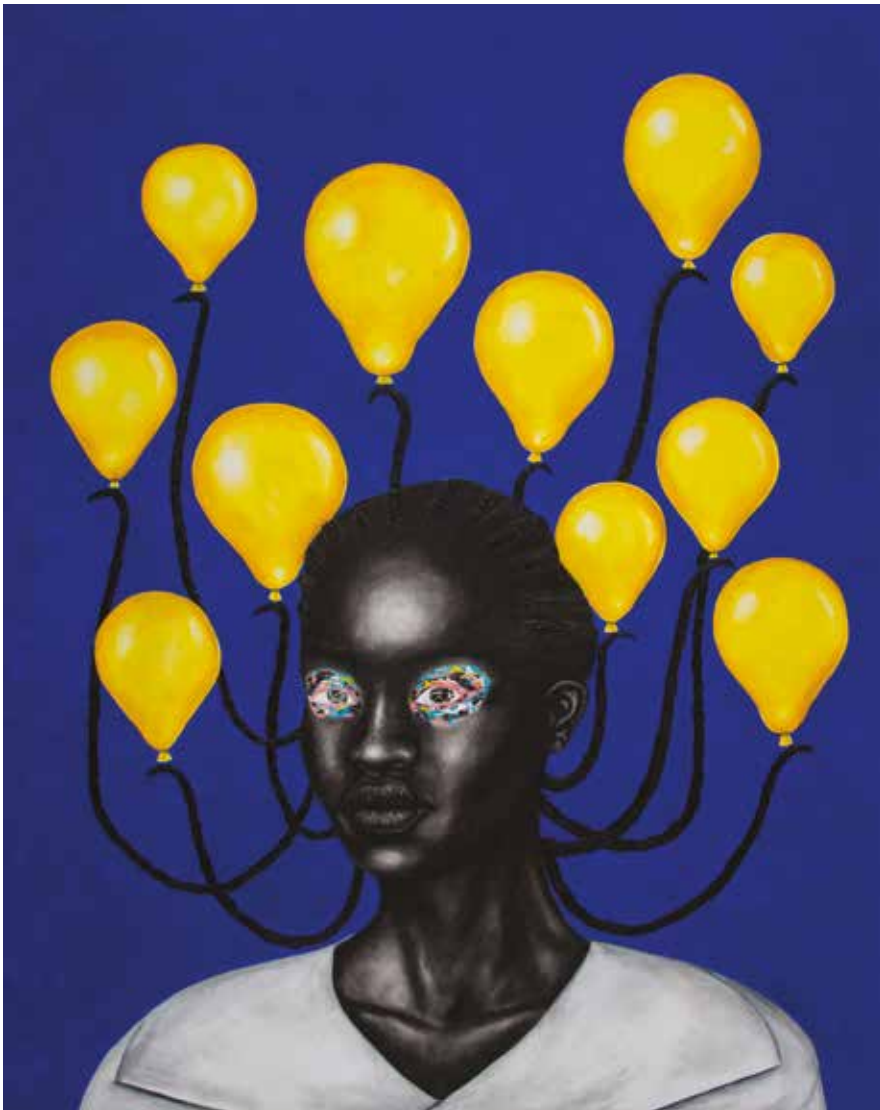
Flourish, from the series Look into My Eyes, 2022

carvão, acrílica e espelhos sobre cartão | charcoal, acrylic and mirror collage on cardboard

150 x 120 cm







Cabeça de vento, da série Me olhe nos olhos

Wind Head, from the series Look into My Eyes, 2022

carvão, acrílica e espelhos sobre cartão | charcoal, acrylic and mirror collage on cardboard

150 x 120 cm



Intimidade, da série Me olhe nos olhos

Intimacy, from the series Look into My Eyes, 2022

carvão, acrílica e espelhos sobre cartão | charcoal, acrylic and mirror collage on cardboard

150 x 120 cm







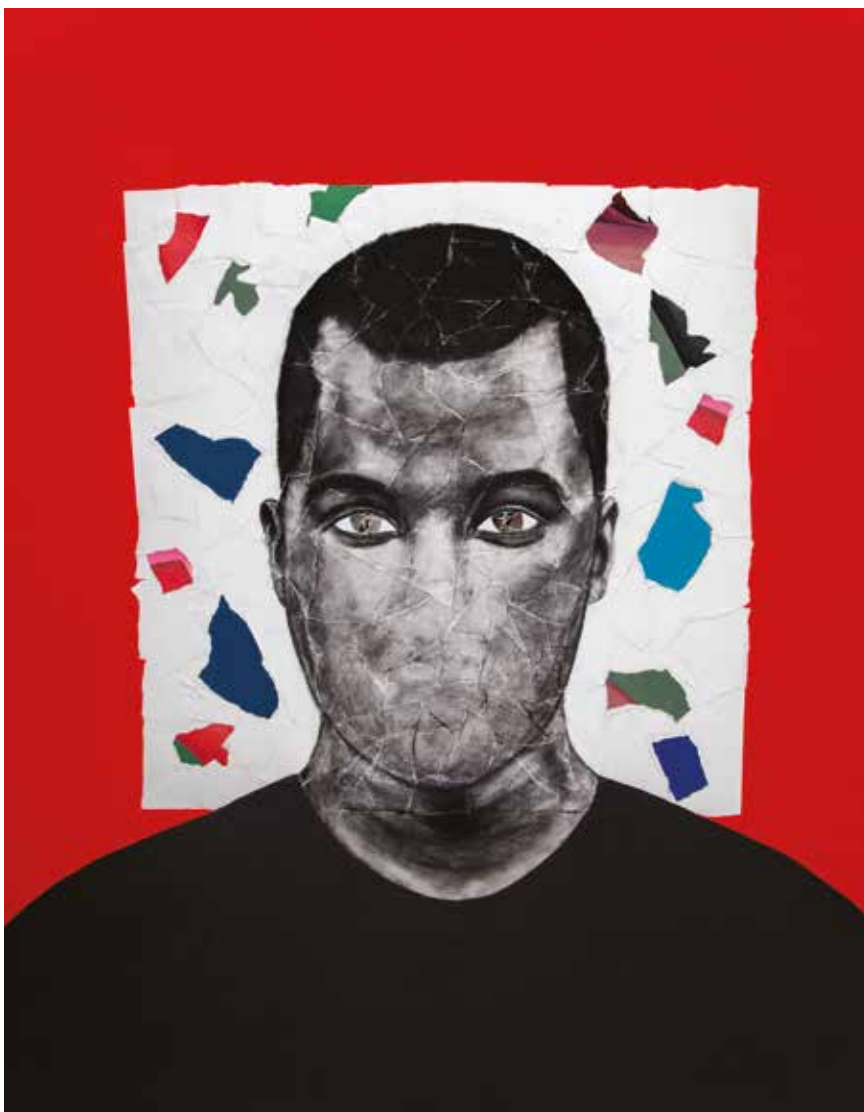
ME OLHE NOS OLHOS

Eu nunca tive a pretensão de fazer a obra título pra série **Me Olhe Nos Olhos**, muito menos um autorretrato. Ironicamente, a partir da junção de duas impossibilidades, nasceu esse trabalho. Também, ironicamente, ele é o começo e o fim dessa série: é exatamente como surgiu essa série homônima e como, por hora, ela termina. **Me Olhe Nos Olhos**, a série, veio da angústia que eu vivenciei na minha primeira exposição, essa palavra que carrega uma ambiguidade: a exposição dos meus trabalhos e a exposição da minha figura. Durante o evento eu percebi que as pessoas não me viam ali; elas olhavam o meu trabalho, admiravam-no, fotografavam-no, mas não olhavam para mim. Até verem a minha foto em um dos expositores e, através de olhares por vezes envergonhados, por vezes surpresos, me olhavam diretamente e perguntavam: “é você o artista?”.

Era nessa pergunta e nessa rápida troca de olhares que eu ganhava vida. A sensação de momentaneamente existir através do olhar do outro. Por conta da máscara só era possível enxergar minha testa, o meu cabelo, minhas orelhas, minha sobrancelha e os meus olhos, e era através disso que eles me reconheciam.

A série **Me Olhe Nos Olhos** foi um pedido que eu fiz, sem dizer, a todas as pessoas que me ignoraram, sem que elas soubessem que já estavam olhando para mim quando viam o meu trabalho. Ela surgiu com doses de narcisismo porque eu queria saber se as pessoas estavam olhando para mim ou tentando olhar para elas mesmas nas minhas obras. “E se os olhos fossem espelhos?”, foi através desse autoquestionamento que eu pensei que outro conseguiria se ver em mim, quando, na verdade, era eu que precisava me enxergar.

Eu criei a obra **Me Olhe Nos Olhos** com aquilo que foi descartado: restos de papéis que sobraram depois do corte; obras, finalizadas ou não, que eu guardei mesmo sabendo que eu não iria aproveitar. Por vezes, fazemos isso com os nossos afetos: guardamo-nos, ou, segundo a psicanálise, recalcamo-nos, e esquecemos que eles ainda estão ali fazendo algum mal, acumulando-se no campo do desconhecido. Eu rasguei os papéis e os coleí para construir a base da minha retratística como um mosaico de erros e descartes que



Me olhe nos olhos, da série Me olhe nos olhos

Look into my eyes, from the series Look into my eyes, 2022

carvão, acrílica e espelhos sobre cartão | charcoal, acrylic

and mirror collage and paper on cardboard

150 x 120 cm

unidos existem para contar uma nova história. Como um passado que se presentifica para deixar de existir; como uma luz que se acende; como um afeto que chega à consciência; como a possibilidade de, finalmente, poder existir.

A obra ***Me Olhe Nos Olhos*** é a forma de contar essa história através de uma ressignificação. Se naquela exposição eu fui o enigma, pois as pessoas precisavam ver uma foto para me reconhecer em corpo, agora, eu sou o real: é para mim que elas devem olhar para decifrar esse trabalho. E eu, que por muito tempo busquei me esconder do mundo e de mim, entendi que meu incômodo não foi por não ser visto, mas por não me enxergarem verdadeiramente. Por, de fato, não olharem nos meus olhos. Me olhe nos olhos, portanto, foi o que eu precisei dizer a mim mesmo diante do espelho para me reconhecer.

Igor Rodrigues

Artista



LOOK INTO MY EYES

I never intended to make the title work for the series 'Look into My Eyes', not even a self-portrait. Ironically, from the junction of two impossibilities, this work was born. Also, ironically, it is the beginning and the end of this series: it is exactly how this homonymous series came about and how, for now, it ends. 'Look into my eyes', the series, came from the anguish I experienced in my first exhibition, this word that carries an ambiguity: the exposure of my work and the exposure of my figure. During the event I realized that people didn't see me there; they looked at my work, admired it, photographed it, but they didn't look at me. Until they saw my picture on one of the exhibitors and, through sometimes embarrassed, sometimes surprised looks, they looked directly at me and asked, "are you the artist?"

It was in this question and in this quick exchange of glances that I came to life. The feeling of momentarily existing through the eyes of others. Because of the mask it was only possible to see my forehead, my hair, my ears, my eyebrows, and my eyes, and it was through these that they recognized me.

The series 'Look Into my Eyes' was a request I made, without telling, to all the people who ignored me, without them knowing that they were already looking at me when they saw my work. It came with doses of narcissism because I wanted to know if people were looking at me or trying to look at themselves in my works. "What if eyes were mirrors?", it was through this self-questioning that I thought someone else would be able to see themselves in me, when, in fact, it was me who needed to see myself.

I created the work 'Look into my eyes' with what was discarded: scraps of paper left over after cutting; works, finished or not, that I kept even though I knew I wouldn't use them. Sometimes we do this with our affections: we keep them, or, according to psychoanalysis, we repress them, and forget that they are still there doing some harm, accumulating in the field of the unknown. I tore up the papers and glued them together to build the basis of my portraiture as a mosaic of errors and discards that together exist to tell a new story. Like a past that is present to cease to exist; like a light that is turned on; like an affection that comes to consciousness; like the possibility of finally being able to exist.

The work 'Look into my eyes' is the way to tell this story through a re-signification. If in that exhibition I was the enigma, because people needed to see a photo to recognize me in my body, now I am the real: it's me they must look at to decipher this work. And I, who for a long time sought to hide from the world and from myself, understood that my annoyance was not because I was not seen, but because they did not really see me trully. For not really looking into my eyes. 'Look into my eyes', therefore, is what I needed to tell myself in front of the mirror, in order to recognize myself.

Igor Rodrigues

Artist

BIOGRAFIA

Igor Rodrigues, nasceu em 1995 em Feira de Santana – BA, onde vive e trabalha.

FORMAÇÃO

2013 - 2018

Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana – BA, Brasil.

EXPOSIÇÕES

2022

Coisas acesas por dentro, Galeria Frente, São Paulo – SP, Exposição Individual.

64º Salão de Artes Visuais da Bahia, no Museu de Arte da Bahia (MAB), Salvador – BA, Brasil. Exposição Coletiva.

SP-Arte, São Paulo – SP, Brasil. Exposição Individual.

Sentido Comum, Galeria Anita Schwartz. Rio de Janeiro – RJ, Brasil. Exposição Coletiva.

Programa de Exposições 2022, MARP, Ribeirão Preto – SP. Exposição Coletiva.

Me olhe nos olhos, Complexo Cultural do Teatro Deodoro. Maceió – AL, Brasil. Exposição Individual.

2ª Bienal Black Brazil Art, virtual. Exposição Coletiva.

Saravá, Galeria Anita Schwartz. Rio de Janeiro – RJ, Brasil. Exposição Coletiva.

2021

Curando, Virtual, Goethe-Institut Bahia. Salvador – BA, Brasil. Exposição Coletiva.

FEIREN(SI), Virtual. Exposição Individual.

2020

Rexistência, Boulevard Shopping, Feira de Santana – BA, Brasil. Exposição Individual.

PRÊMIOS E SELEÇÕES

2022 - Prêmio Aquisição, 2a Bienal Black Brazil Art.

2021 - Selecionado no Edital Nº 001/2021 – Concurso Público para seleção de projetos de artes visuais para serem expostos na Galeria do Complexo Cultural Teatro Deodoro, Maceió – AL, Brasil.

2020 - Prêmio Funarte RespirArte Artes Visuais, Brasil. Edital de Chamamento Público Nº 02/2020 – Cidadania, Cultura e Diversidade – Lei Aldir Blanc Feira De Santana.

RESIDÊNCIAS

2022 - PEMBA Residência Preta, SESC Brasil, curadoria de Igor Simões e Hélio Menezes.

ACERVO

Complexo Cultural do Teatro Deodoro, Maceió – AL, Brasil.





BIOGRAPHY

Igor Rodrigues, born in 1995 in Feira de Santana – BA, where he lives and works.

EDUCATION

2013 - 2018

Bachelor in Psychology, State University of Feira de Santana, Feira de Santana - BA, Brazil.

EXHIBITIONS

2022

Things lit from within, Frente Gallery, São Paulo - SP, Solo Exhibition.

64th Salon of Visual Arts of Bahia, at the Museum of Art of Bahia (MAB), Salvador - BA, Brazil. Group Exhibition.

SP-Arte, São Paulo - SP, Brazil Solo Exhibition.

Common Sense, Anita Schwartz Gallery. Rio de Janeiro - RJ, Brazil Collective Exhibition.

Exhibition Program 2022, MARP, Ribeirão Preto, SP, Brazil Collective Exhibitions

Look into my eyes, Cultural Complex of the Deodoro Theater. Maceió - AL, Brazil Solo Exhibition.

2nd Biennial Black Brazil Art, virtual. Collective Exhibitions.

Saravá, Anita Schwartz Gallery. Rio de Janeiro - RJ, Brazil Group Exhibition

2021

Curando, Virtual, Goethe-Institut Bahia. Salvador - BA, Brazil Collective Exposition.

FEIREN(SI), Virtual. Solo Exhibition.

2020

Resistência, Boulevard Shopping, Feira de Santana - BA, Brazil. Solo Exhibition

AWARDS AND SELECTIONS

2022 - Acquisition Prize, 2aBienal Black Brazil Art.

2021 - Selected in the Public Bidding N° 001/2021 for the selection of visual arts projects exhibited in the gallery of Complexo Cultural Teatro Deodoro, Maceió - AL, Brazil.

2020 - Funarte RespirArte Visual Arts Award, Brazil. Public Call Notice N° 02/2020 - Citizenship, Culture and Diversity - Aldir Blanc Law Feira De Santana.

ARTISTIC RESIDENCIES

2022 - PEMBA Black Residency, SESC Brazil, curated by Igor Simões and Hélio Menezes.

COLLECTION

Complexo Cultural do Teatro Deodoro, Maceió - AL, Brazil.



**EQUIPE EXPOSIÇÃO E CATÁLOGO
EXHIBITION AND CATALOG TEAM**

REALIZAÇÃO

REALIZATION

Galeria Frente

DIRETOR

DIRECTOR

James Acacio Lisboa

CURADORIA

CURATORSHIP

Carollina Lauriano

ENSAIO CRÍTICO

CRITICAL ESSAY

Luciara Ribeiro

Igor Rodrigues

PRODUÇÃO EXECUTIVA

EXECUTIVE PRODUCTION

Juliana Rego Ripoli

MONTAGEM

INSTALLATION

Pedro Thiago Pereira dos Santos

PROJETO GRÁFICO

GRAPHIC DESIGN

Paula Campoy Santos Pinto

ASSESSORIA DE IMPRENSA

PRESS ASSISTANCE

Jucelini Vilela

FOTOGRAFIA DAS OBRAS

PHOTOGRAPHY OF THE ARTS PIECES

Mauricio Borges

Nicolau Almeida

Igor Rodrigues

TRADUÇÃO PARA O INGLÊS

ENGLISH TRANSLATION

Marília Moruzzi Gurgel Bastos

REVISÃO PORTUGUÊS

PORTUGUESE REVISION

Fernanda Rodrigues Alves Castanho

Maria Castanho Ansarah

IMPRESSÃO

PRINTING

Gráfica Cinelândia

APOIO

SUPPORT

Acervo Galeria de Arte

AGRADECIMENTOS

SPECIAL THANKS TO

James Arthur Lisboa

Ricardo Portela

Denny Venegeroles

APOIO

ACERVO
GALERIA DE ARTE

EQUIPE GALERIA FRENTE GALERIA FRENTE TEAM

DIRETOR

DIRECTOR

James Acacio Lisboa

SECRETÁRIAS EXECUTIVAS

EXECUTIVE SECRETARY

Danielle Dantas de Sousa

Sheila Pala

RECEPÇÃO

RECEPTION

Laura Cardoso de Lima Barboza

DEPARTAMENTO FINANCEIRO

FINANCIAL DEPARTMENT

DIRETORA

DIRECTOR

Renata Lisboa

EQUIPE

TEAM

Dorcas Silva Alves

Giovana Silva Oliveira

Katia da Silva Oliveira Fonseca

Letícia Pereira dos Santos

COORDENADORA DE EXPOSIÇÕES

EXHIBITION COORDINATOR

Juliana Rego Ripoli

DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA

INFORMATION TECHNOLOGY DEPARTMENT

Luiz Nobrega Gomes Júnior

DESIGN E MÍDIAS SOCIAIS

DESIGN AND SOCIAL MEDIA

Paula Campoy Santos Pinto

Luís Felipe Bari da Silva

DEPARTAMENTO COMERCIAL

SALES DEPARTMENT

Érika de Sousa Lobo

EQUIPE MONTAGEM

INSTALLATION TEAM

Pedro Thiago Pereira dos Santos

MOTORISTAS

DRIVERS

Alex Moreto

Ricardo Soares dos Santos

DEPARTAMENTO DE LIMPEZA

CLEANING DEPARTMENT

Elisângela de Almeida Cassiano



ACESSE NOSSO SITE

GF
GALERIA
FRENTE

ACERVO
GALERIA DE ARTE

